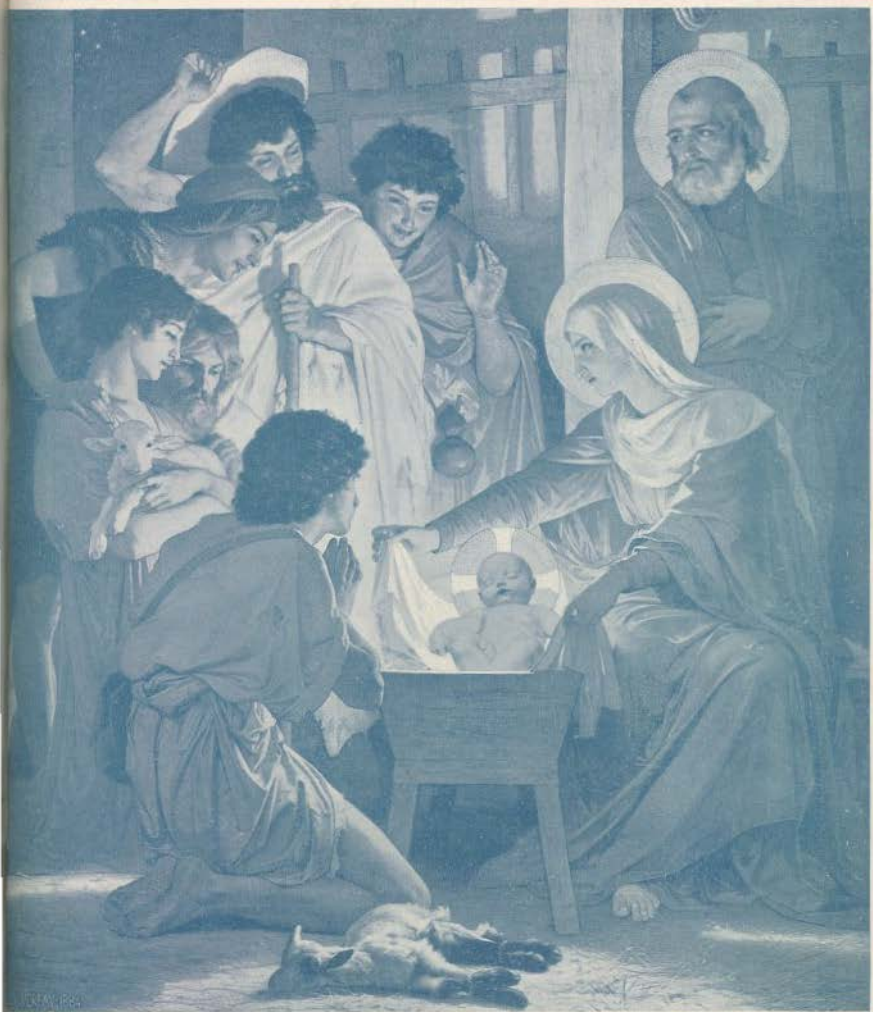


# Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Ceixeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha	Assignatura conjunta do século, Supplemento Humorístico do século e da Illustração Portuguesa	PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA	
1 ano.....	2\$000	Anno.....	8\$000
6 meses.....	1\$200	6 meses.....	4\$000
		Trimestre.....	2\$000
		Mez (em Lisboa).....	700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



## Summario

Capa: O PRESEPIO (quadro de Bouguereau) • Texto: O PRESEPIO DA MADRE DE DEUS, por JOÃO BARREIRA • UMA POESIA INEDITA DE ANTHERO DO QUENTAL • A MENTIRA, episodio dramatico, por MARCELLINO MESQUITA • A BORDADEIRA, poesia, por ACCACIO DE FAIVA • GRAVES TUMULTOS N'UMA ROSEIRA BRAVA, por M. P. • PASSOS DE DANÇA: I A gavota, II O minuete, III A pavana, sonetos de JULIO DANTAS • OS MIRADOUROS, conto, por ABEL BOTELHO • DANÇAS E CANTOS POPULARES DA NOSSA TERRA, por THOMAZ BORRA • O REGRESSO DA EXPEDIÇÃO AO CUAMATO EM 13 DE DEZEMBRO DE 1907

**So não tem cabelo nem barba quem quer!!!**

**Fazemos nascer cabelo aos calvos e barba aos sem ella em 20 a 24 dias. Garante-se que não é nocivo.**

\*\*\*\* REMETTE-SE COM TODA A DISCREÇÃO \*\*\*\*

Muita gente, velha e nova, em todo o mundo, deve-nos a barba bonita e o cabelo abundante.

Temos levado com o nosso **Mootcy a felicidade a milhares e milhares de pessoas. Um grande imperador recorreu a nós pedindo o nosso auxilio e não recorreu debaide!**

Homens notáveis e não notáveis, todos nós tem vindo pedir o nosso concurso. Em todos os paizes da Europa e America, em muitos lugares da Africa e da Australia é o nosso **Mootcy** conhecido e apreciado. Póde-se por isso dizer, com verdade, que gosa de fama universal.

O preço para o **Mootcy** é de **2\$545 réis** por porção (uma porção chega perfeitamente). O pedido de 2 porções,

**MOOTCY DEPOC—Ditmar Koelster, 3, Hamburgo, 133**

O maior e mais importante estabelecimento da especialidade na Europa

uma para a barba e outra para o cabelo, tem o preço especial de **4\$420 réis.**

Com cada porção vae um certificado de garantia, pelo qual nos obrigamos a dar outra vez o dinheiro recebido, re o remediado não der resultado algum.

Se isto não fór verdade pagamos ao comprador **300\$000 (trezentos milrs.).**

Para prevenção contra as imitações e falsos remédios fazemos notar que todos os pacotes tem escripta a palavra **Mootcy.**

Envia-se diariamente para todas as partes, mesmo para as mais afastadas, com a explicação clara da maneira de ser usado e com o certificado de garantia, em português, contra pagamento adiantado ou pagamento pelo correio no acto da entrega.



**Farinha lactea**

**Nestlé**

Preço 400 réis

36 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agrícola de Lisboa

**Discos Simplex** de double face, o melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais VARIADO E MÚLTIPLO REPERTÓRIO em musica e canto dos melhores auctores NACIONAES E EXTRANJEIROS. Marca registrada, propriedade exclusiva de J. Castello Branco.

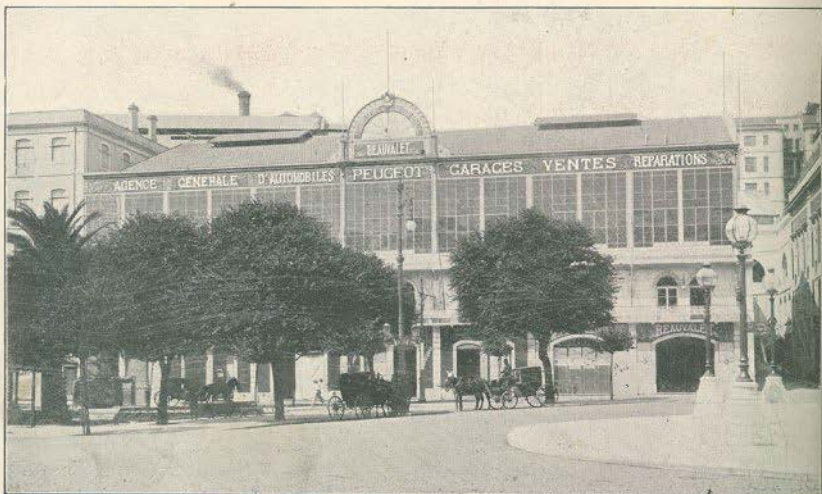
**Discos**

**Simplex**

Preços excepçionaes e grandes descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas. Grande deposito de discos e machinas fallantes. PEDIR CATALOGOS a **J. Castello Branco**

Rua de Santo Antão, 32, 34 e 82 — LISBOA

**A mais importante casa de AUTOMOVEIS em Portugal**



**ALBERT BEAUVALET & C.<sup>A</sup> Representante de PEUGEOT A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMOVEIS PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA**

**LOÇÃO DEQUEANT**

**CABELLO BARBA PESTANHAS SOBANCELHAS**

Unico producto scientifico apresentado na Academia de Medicina de Paris contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabeludado. L. DEQUEANT, Pharmacoeulog, 38, Rue Chigancourt, Paris. Em LISBOA, 19, Rua do Arco a Jesus quem deve se dirigir para todas as informaçoes gratisimas. A VENDA EM TODAS AS BONS CASAS DO PORTUGAL.

**Novo diamante americano**

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 réis, broches a 800 réis, brincos a 1\$000 réis o par. Lindos collares de perolas a 1\$000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa. RUA DE SANTA JUSTA, 60 (Junto ao elevador) — LISBOA.

Agente em Paris:—Camille Lipman, 26, Rue Vignoa

COMPANHIA DO

# Papel do Prado

CAPITAL

Ações .....	360.000\$000
Obrigações .....	329.210\$000
Fundo de reserva e amortização .....	255.000\$000
Réis .....	944.210\$000

## SÉDE EM LISBOA

Proprietaria das fabricas de Penedo e Casal d'Ermio (Louza), Prado, Marianaia e Sobreirinho (Thomar) e Valle Maior (Albergaria-a-Velha)

Installadas para uma produção annual de 6 milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria

ESCRITORIOS E DEPOSITOS

Rua da Princeza, 270 a 276 — LISBOA  
R. Passos Manuel, 49 e 51 — PORTO

Sociedade anonyma  
de responsabilidade limitada

Tem em depósito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de papeis de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel para os mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes Companhias e Empresas Nacionaes.

Grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho

Endereços telegraphicos: Lisboa, Companhia Prado—Porto, Prado  
Números telephonicos: Lisboa 605—Porto 417

## MACHINAS E APPARELHOS

Para todas as industrias

Especialidades em machinas para typographias e lithographias.  
Machinas para encadernadores, Machinas para letterias.  
Machinas para funilerias, Machinas para serralherias, Material para luz electrica.  
Motores a gaz e a vapor.

**CARLOS CORRÊA DA SILVA**

24, RUA SERPA PINTO, 24 — LISBOA

Representante das seguintes casas, entre outras:

CH. LORILLEUX & C<sup>a</sup>, PARIS — Fabrica de tintas para impressão, massa para rolos, vernizes, etc.  
F. HENRIQUE VON HAFÉ, PORTO — Machinas agricolas.  
KARL KRAUSE, LEIPZIG — Machinas para cortar papel, cartão, etc.  
CROSSLEY BROS, MANCHESTER — Motores a gaz e gazogenos.  
GESELLSCHAFT FÜR ELEKTRISCHE INDUSTRIE, KARLSRUHE — Dynamos, motores electricos, etc.  
H MARINONI, PARIS — Machinas typographicas e lithographicas.

DEPOSITOS de machinas typographicas «Liberty» (americanas) e da «Machinenfabrik Aurburg», Desvasteiras Melotte, Pedras lithographicas, Accessorios para typographias e lithographias.  
Correias inglesas, Oleo para motores, etc.  
Ender. telegraphico: CARLOSILVA, Lisboa  
Telephone n.º 298

## CASA BANCARIA

\*\*\* SOB A FIRMA DE \*\*\*  
**FONSECAS, SANTOS & VIANNA**

R. DOS CAPELLISTAS, 120, 122 — LISBOA

SUCCURSAL NO PORTO

**Pinto da Fonseca & Irmão**

PRAÇA DE D. PEDRO, 138

Carlos Feryreira dos Santos Silva,  
SOCIOS: Joaquim Pinto da Fonseca  
Francisco da Silveira Vianna

Toma e fornece saques e dá cartas de credito sobre as principaes cidades e villas de **Hespanha, França, Italia, Inglaterra, Alemanha e do reino.**

Compra e vende fundos publicos nacionaes e estrangeiros, accções e obrigações de **bancos e companhias.**

Recebe depositos em conta corrente a juro convencional á vista ou a prazo.

Toma letras e fornece telegraphicas sobre **Rio de Janeiro, Santos, S. Paulo, Campinas, Pará e Maranhão.**

Effectua operações de transferencia sobre as principaes terras do reino.

# FABRICA DE CERAMICA DA PAMPILHOSA

MOURÃO,  
TEIXEIRA LOPES & C<sup>o</sup>



ESPECIALIDADE  
EM TELHA  
FABRICA:  
PAMPILHOSA BOTÃO  
ESCRITORIO:  
RUA DO ALMADA, 12  
PORTO

## Grandes Armazens do Printemps de Paris

Escritorio de Reexpedição Largo  
de Camões, 19, 1.º

N'este escritorio ha em deposito o maior e o mais variado sortimento de todos os tecidos da mais alta novidade taes como sedas, lãs, velludos, algodão para capas, vestidos e bluzas

Esta casa encarrega-se de fornecer todo e qualquer artigo para mobílias taes como brise-bise, stores, cortinas, reposteiros, tapetes, carpetes, etc. As amostras d'estes artigos são fornecidas gratis.

## Livraria Chardron

DE  
LELLO & IRMÃO

144, RUA DAS CARMELITAS, 144 — PORTO  
Fundada em 1868



O maior e mais artistico edificio de livraria. Premiada nas exposições Paris 1878, 1889 e 1900.

Casa editora das obras de Eça de Queiroz, Theophilo Braga, Camillo C. Branco, Bazilio Telles, Guerra Junqueiro, Abel Botelho, José Caldas, José Sampaio (Bruno), Thomaz Ribeiro, João Graça, Julio Brandão, Coelho Netto, Antheiro de Quental, etc.

*Sermões do Padre Antonio Vieira*, publicação a volume e por assignatura.

Edição completa, popular, em 15 volumes, impressa em typo novo e bom papel. Cada volume encadado 500 réis, cartonado 700 réis. O novo catalogo de 1906, illustrado com os retratos dos principaes escriptores portugueses, *envia-se gratis a quem o pedir.*



## CARTEIRAS AMERICANAS

FECHANDO AUTOMATICAMENTE

A MAIS UTIL E MAIS PRATICA, USADA NAS PRIMEIRAS CASAS COMMERCIAES

GRANDE FABRICA DE ARMAZENS

DE MOBILIAS MONTAGEM COMPLETA DE CASAS

DESDE O MAIS MODESTO AO MAIS LUXUOSO

ANTONIO DO NASCIMENTO & FILHOS  
R. FERREIRA BORGES PORTO



COMPANHIA PORTUGUEZA

DE

# Phosphoros

SOCIEDADE ANONYMA  
DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital 4.500:000\$000 réis

DIVIDIDO EM  
100.000 ACÇÕES DO VALOR DE 45\$000 RÉIS

Concessionaria dos exclusivos  
dos phosphoros e isca no continente do reino  
e ilhas adjacentes

## FABRICAS

Em Lisboa: RUA DO ASSUCAR  
No Porto: LORDELLO DO OURO

ESCRITORIOS:

139, Rua de S. Julião, 139

LISBOA



# Borges & Irmão

## ARMAZENS DE VINHOS

ESCRITORIO RUA DO BOM JARDIM 57 A 69

Vinhos finos velhos

RUA S. DA BANDEIRA 55 A 59 - PORTO

TRADE-ARTHUR TROVADOR

ARMAZENS em VILLA NOVA DE GAYA

24, 6 e 8 RUA DO PILAR 24, 6 e 8

CASA DE CAMBIO

LOTERIA TABACOS e PHOSPHOROS

### TRIBUNO

Vinhos de Paste  
Clarete Douro  
Verde Galão





Companhia de Seguros

# FIDELIDADE

FUNDADA EM 1835

CAPITAL RESPONSÁVEL RS. 1.344.000\$000

FUNDO DE RESERVA RS. 477.441\$208

(Conforme o balanço em 31 de dezembro de 1905)

Indemnizações por prejuízos pagas  
até 31 de dezembro de 1905

**3.673:250\$461 réis**

Toma seguros marítimos e terrestres contra incendio, raio e explosão de gaz.

Tem agentes e correspondentes nas principais cidades e villas do reino, continente e ilhas.

Sede em Lisboa: L. do Corpo Santo, 13, 1.

A. SIMOES LOPES & C<sup>IA</sup>, L<sup>DA</sup>

FABRICA  
DE  
**ADUBOS  
CHIMICOS**

ORGANICOS E

*Substancias medicamentosas*

PARA AS PLANTAS NO

*Cavedello-Cava*  
ESCRITORIO NO PORTO  
RUA DA FABRICA 3

ADRESSE TELEGRAPHICO ADUBOS PORTO

ADUBOS CHIMICOS SIMPLES E COMPOSTO  
GUANO DE CARANGUEIJO E PEIXE OXYDINAS  
CUPRICA E SULFO-CUPRICA FORMULAS DE AGRONOMO  
• PALMA DE VILHENA •

O MELHOR E MAIS SIMPLES REMEDIO PREVENTIVO PARA TRATAMENTO DO MILDIWE DO OIDIUM

-PEDIR CATALOGO

A. SIMOES LOPES & C<sup>IA</sup>, L<sup>DA</sup>  
3 R. DA FABRICA 3 PORTO

COMPANHIA AGRICOLA COMMERCIAL



VINHOS DO PORTO  
S. A. R. L.

SUCCESSORA DE  
D. ANTONIA A. FERREIRA  
CAPITAL REALIZADO 2000.000\$000000  
CASA FUNDADA EM 1751

ESCRITORIOS	AGENTES
RIO DE JANEIRO	NO RIO DE JANEIRO
D. HENRIQUE	NUNES DE JACCA
85	R. 1. DE MARÇO
PORTO	17
	RIO DE JANEIRO

## Livros para escripturação

Especialidade das officinas de encadernação e typographia

## Fernandes & Fernandes

Successores de J. A. Rodrigues Fernandes

Fornecedores da Casa Real e encadernadores da Real Bibliotheca da Ajuda

Medalha de ouro da Exposição Industrial Portuguesa de 1888, unica a que concorreram

CASA FUNDADA EM 1877

Rua dos Retrozeiros, 3 a 7 — LISBOA



UNICO DEPOSITO DOS CELEBRES PIANOS DE **BECHSTEIN**

PIANOS, MUSICAS, INSTRUMENTOS  
ALUGUEL — REPARAÇÕES — TROCAS  
**Vendas a prestações**

Aluguel de musica por assignatura: 500 réis mensaes

Praça dos Restauradores, 43 a 49 — LISBOA

Telephone n.º 1172

## BOLSA DE LISBOA

Antonio Serrão Franco

CORRETOR DE CAMBIOS E FUNDOS  
PUBLICOS

ESCRITORIO

20 — RUA AUREA — 22

LISBOA

JOSÉ DIAS & DIAS

SUCCESSORES DE

**CAMPIÃO & C.ª**

## Cambio e loterias

118, RUA DO AMPARO LISBOA

Esta casa tem sempre à venda para todas as loterias, quer ordinarias, quer extraordinarias, um variadissimo sortimento de numeros em bilhetes, decimos e cauetellas.

Satisfaz com a maxima promptidão, vindo acompanhados da respectiva importancia, todos os pedidos para jogo particular ou para revender, tanto para o continente como para o ultramar.

E' esta sem contestação a primeira casa do seu genero, e a que, mercê da sua constante felicidade, maior numero de premios grandes tem distribuido pelos seus freguezes.

Compra e vende, pelos melhores preços do mercado, libras, ouro portuguez e todas as moedas nacionaes ou estrangeiras, notas dos bancos de Hespanha, França, Inglaterra, Italia, etc.

Descontos, vales do correio; vende letras, sellos e papel sellado.

Endereço telegr.: CAMPIÃO—Lisboa  
Endereço postal: CAMPIÃO & C.ª—Rua do Amparo, Lisboa

Grande deposito de moveis de ferro

54, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 56—LISBOA

JOSÉ A. DE C. GODINHO

COLCHOARIA  
em todo o genero

Leitos de ferro com metal dourado, berços, colchões de arame, cofres contra fogo, fogões, lavatorios, etc.

A. D'ABREU  
JOALHERIA & OURIVESARIA  
Sempre NOVIDADES  
RUA DO OURO n.º 57 & 59  
LISBOA



# Banco de Portugal

\*\*\*\*\* SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA \*\*\*\*\*

== CAPITAL 13.500.000\$000 RÉIS ==

\*\*\*\*\* Em 135.000 acções do capital nominal de 100\$400 réis \*\*\*\*\*

== Séde em Lisboa: Rua de El-Rei (vulgo Capellistas), 148 ==

## Caixa filial no Porto

Agencias em todos os districtos administrativos do continente e ilhas dos Açores e Madeira. Correspondentes nas principaes terras do Reino. Correspondentes nas praças principaes da Europa e nos portos de maior importancia do Brazil.

Operações, Descontos, transferencias, empréstimos e creditos em conta corrente, com garantias determinadas pelos seus estatutos. Compra e venda de cambiaes, cartas de credito sobre praças estrangeiras, deposito de dinheiro e de valores e todas as transacções que pela natureza especial da sua instituição lhe são permitidas.

MARQUES ABREU & CA

Rua de S. LAZARO 310

PORTO

ATELIERS  
DE  
PHOTOGRAVURA

AS EMPRESAS  
QUE TORNAM TEM PREFERIDO  
ESTES ATELIERS  
PELO MAXIMO  
CARESCUPULO  
QUE PREZIDE  
AOS SEUS TRABALHOS  
EXECUTADOS PELOS MAIS  
APERFEIÇOADOS PROCES-  
SOS EM USO NO ESTRANGEIRO  
E QUE COM RIGOR TECHNICO E  
ECONOMIA DE PREÇOS AS TORNAM  
AS PRIMEIRAS OFFICINAS DE  
PHOTOGRAVURA DO PAIZ.

NOVA COMPANHIA

DOS

Ascensores Mechanicos  
DE LISBOA

Sociedade anonyma—Responsabilidade  
Limitada

ESCRITORIO

RUA DOMINGOS SEQUEIRA (ES-  
TRELLA)—LISBOA

ASCENSORES

Bica—De S. Paulo ao Largo  
do Calhariz.

Estrella—Da Praça de Luiz de

Camões ao Largo da Estrella

Gloria—Da Avenida da Liber-  
dade a S. Pedro d'Alcantara

Lavra—Do L. da Anunciada ao

Campo dos Martyres da Patria

Graça—Da Rua da Palma ao  
Largo da Graça.

TORLADÉS

# Sociedade Torlades

S. D. 1713

## Correspondentes nas capitães europeas:



**Lisboa**




**Lisboa**



**London**—London & Country Banking Company Ltd., Credit Lyonnais, Baring Brothers & C.<sup>o</sup> Ltd.

**Edimburg**—The National Bank of Scotland Ltd.

**Dublin**—The Munster & Leinster Bank Ltd.

**Paris**—Flury Herard, Société Marseillaise de Credit Industriel & Commercial & de Depôts, Credit Lyonnais, M. Davillier.

**Bruxellas**—J. Mattieu & Fils.

**La Haya**—F. J. Landry.

**Berlim**—Mendelssohn & C.<sup>te</sup>, Breest & Gelpcke.

**Copenhague**—Kjøbenhavn's Handelsbank.

**Stokholm**—Industri Kredit-Aktie-Bolaget i Stockholm.

**Amsterdam**—Hope & C.<sup>te</sup>

**Berne**—Grenus & C.<sup>te</sup>, Banque Cantonale de Berne.

**Christiania**—Central Banken for Norge.

**Helsingfors**—Forenings Banken & Finland.

**Saint Petersburg**—Credit Lyonnais.

**Vienne**—Banque Imperiale et Royale Privilegiée des Pays Autrichiens.

**Budapest**—Pester Ungarische Commercial Bank.

**Madrid**—Gomes y Vasquez, Credit Lyonnais.

**Rome**—Banque Commerciale Italienne.

**Athenas**—Banque Nationale de Grèce.

**Constantinopla**—Azarian Père & Fils.



**Paris**



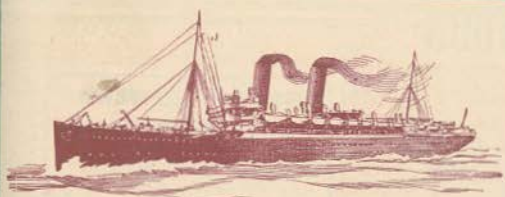

**Paris**



## ESCRITORIOS:

PARIS—33, Boulevard Haussman

LISBOA—32, Rua do Ouro



# Sociedade Torlades

AGENTES EM PORTUGAL DA  
Compagnie des Messageries  
Maritimes

Exploradora da linha transatlantica  
de VAPORES POSTEIS para  
Dakar, Pernambuco, Bahia,  
Rio de Janeiro, Santos,  
Montevideu e Buenos Ayres

## LINHA TRANSATLANTICA

Sahidas de duas em duas semanas

Cordillere, 6.378 toneladas — Chili, 6.488 toneladas — Magellan,  
6.357 toneladas — Amazone, 6.357 toneladas — Atlantique, 6.907  
toneladas

SUB-AGENTES NO PORTO

**CARLOS JOSÉ DA SILVA & C.<sup>a</sup>**

14, RUA DO BELLOMONTE, 14

ESCRITORIO DA AGENCIA EM LISBOA  
**Rua do Ouro, 32 — LISBOA**

\*\*\*\*\* Telephone n.º 53 \*\*\*\*\*



## BOLSA OFFICIAL DE LISBOA

# Virgilio da Costa

## Transacções

## de BOLSA

112, RUA NOVA D'EL-REI, 114

LISBOA

Numero telepho-  
nico: 1713



Endereço telegra-  
phico: LIQIVIR

## Empreza Insulana de Navegação

NOTA DAS ESCALAS DOS VAPORES  
E DATAS DE SAHIDA, CONFORME O CONTRACTO  
DE 30 DE NOVEMBRO DE 1893

### Em 5 de cada mez

Para S. Miguel, Terceira, Graciosa (San-  
ta Cruz), Lages do Pico, S. Jorge (Calheta),  
Fayal e Flores.

### Em 20 de cada mez

Para a Madeira, Santa Maria, S. Miguel,  
Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Villa  
das Vellas), Caes do Pico e Fayal.

N. B.—Nas viagens de 5 de janeiro, 5 de  
abril, 5 de julho e 5 de outubro o vapor  
fará mais a escala pela ILHA DO CORVO.

N. B.—Os vapores tocarão nos portos aci-  
ma ditos tanto na ida como na volta.

Os mais esclarecimentos prestam-se na  
agencia

Caes do Sodré, 84, 2.º — LISBOA

GERMÃO SERRÃO ARNAUD



# Cimento CONDOR

O MELHOR QUE SE VENDE EM PORTUGAL, SUPERIOR AOS CIMENTOS INGLEZES E ALLEMAES

**RESISTENCIA:**

41 kilos aos 7 dias - respectivamente  
610 . . . . . 7

# Cimento IGLESIA

É HOJE A MARCA DE MAIOR VENDA  
E A MAIS ACREDITADA

AMBAS AS MARCAS ESTÃO REGISTRADAS

BARRICAS DE 140 E 150 KILOS

Exigir os folhetos com tabeellas, etc., etc.

Vende-se em todas as estancias  
de madeiras e drogarias

DEPOSITO GERAL:

45, Rua da Magdalena, 45

LISBOA

# NORWICH UNION

Companhia de seguros contra fogo

Estabelecida em Inglaterra em 1797

Com agencia em Lisboa desde 1824

Effectuam-se seguros por preços commodos e dão-se quaesquer esclarecimentos.

Os agentes: JAMES HAWES & C.  
N.º telephónico 109

31, Rua d'El-Rei - LISBOA



# FABRICA DE TECIDOS DE SEDA

Firmados nas

Exposições da Associação Promotora da Industria Fabril, em Lisboa em 1861;  
Agricola de Braga, 1863; Internacional do Porto, em 1865

265, Rua da Alegria, 265 — PORTO

F. J. Nogueira, Filho & C.ª

PURA SEDA

Velludos, failles, setins de Lyon, moirés, glács, setins, sarjas, surahs, nobrezas, meias nobrezas, tafelás, sedas para guarda-chuvas, fitas, lavrados, lenços, damascos e colchas adamacçadas.

MIXTOS

Velludos, setins superiores para confecções, gorgorões, setins e sarjas para chapelharia e fitas.

Foços de todos os modelos em sarja e em setim. Douragem em todas as tecidos e em couro, a ouro fino, prata e imitação d'ouro

AGENTE EM LISBOA

NARCISO A. LEAL

Rua de Santa Justa, 82, 1.º

LISBOA

# Companhia de Seguros BONANÇA

FUNDADA EM 1808

Capital responsavel 1.568.000\$000 rs.

Indemnizações pagas por sinistros terrestres e maritimos nos ultimos 50 annos

Rs. 2.177.000\$000

Realiza seguros maritimos e contra o risco de fogo na DELEGACAO DO PORTO — Rua Mouzinho da Silveira, 47, 2.º — nas agencias das diferentes terras do paiz e na sede em Lisboa.



Rua Aurea, 100, 1.º — LISBOA

# COMPANHIA GERAL DE CREDITO PREDIAL PORTUGUEZ

CAPITAL 9.000:000\$000

LISBOA — 19, LARGO DE SANTO ANTONIO DA SÉ, 19 — LISBOA

## Operações d'esta Companhia

Empréstimos hypothecarios com amortização a longo prazo; juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 %.  
Estes contractos são feitos pelo prazo de 10 a 60 annos, por meio de annuidades comprehensivas de juro, commissão e amortização. As vantagens d'estas operações são incontestaveis, não só pela forma facil e commoda do pagamento, como porque a largueza do prazo é garantia sufficiente para que o proprietario possa, com o rendimento das propriedades hypothecadas, solver os seus compromissos.

Empréstimos hypothecarios de 1 a 9 annos sem amortização.

## Depositos

Esta companhia aceita depositos a prazo e á ordem.

Os depositos a prazo vencem o juro de 3 %, a 3 mezes, o de 3 1/2 a 6 mezes e o de 4 %, a 12 mezes.  
O credito d'esta Companhia é garantia mais que sufficiente para que os capitães entregues ao seu deposito estejam á coberto de toda e qualquer eventualidade.

Os depositos á ordem vencem o juro de 2 %, igual ao dos estabelecimentos de credito.

## Propriedades

A Companhia tem no seu activo uma grande massa de propriedade urbana e rustica em todo o reino e ilhas adjacentes.

Os capitalistas que preferam collocar os seus capitães em bens immobiliarios encontram n'esta Companhia aonde os possam applicar em melhores condições do que em qualquer outra parte.

A Companhia vende a prompto pagamento ou a prazo. N'este ultimo caso, recebe no acto da escriptura de venda, pelo menos, metade do preço ajustado e o restante ficará garantido hypothecariamente com o predio vendido pago em prestações semestrais ou annuas, vencendo juro o capital que estiver em divida.

A Companhia tambem aceita a consignação de rendimentos, na ideia de auxiliar os seus mutuarios a solver os seus respectivos debitos.

N'estes casos, a administração é directa e as beneficencias a fazer são de conta do mutuuario. Os predios ver-he-dão entregues quando tenham solvido todos os capitães em debito, incluindo os que forem applicados a beneficencias, e que vencem juro equal ao do contracto.

Delegação no Porto — 257, RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 257

Esta delegação está montada por forma a prestar, com a maior rapidez, solução a qualquer das operações da Companhia

**AGENCIAS** A Companhia tem em todos os districtos do reino e ilhas adjacentes agentes perfeitamente habilitados a dar esclarecimentos sobre todas as operações que realisa.

## NOVA FUNDA

Ultima novidade sem rival



Esta funda—ou melhor este cinto—usa-se e não se sente, porque não tem alfomada nem mola d'aço nas costas; exerce-se uma pressão continua, suave e graduada, á vontade, por meio de tracção elastica, contendo as hernias mais volumosas sem mortificar o paciente; é a funda mais racional que hoje existe e que está sendo usada por milhares de pessoas de todas as cathedras sociais, entre ellas varios medicos, clientes d'esta casa, que lhe dão a preferencia e a recommendam; contam-se numerosas curas de rupturas com o uso de fundas d'este especialista.

O grande successo que as minhas fundas tem alcançado já tentou imitações que nada valem e contra as quaes convém precaverem-se a bem da saúde dos herniados.

Leiam o meu tratado: «Da origem das hernias» que offereço gratis e n'elle encontrarão instruções e conselhos de grande valia para a cura da hernia e a opinião de abalissimos medicos sobre o assumpto.

## Instituto Orthopedico Portuense

DA  
CASA DA TORRE EIFFEL

O proprietario d'esta casa, desejando evitar equivocacos, sempre desagradaveis aos seus clientes, adoptou para distinctivo de sua casa como taboella e marca registrada



A TORRE EIFFEL que se acha collocada em frente ao estabelecimento de FUNDAS E OPTICAS ORTHOPEDICAS titulo R. de D. Pedro, 157 n.º 141.

NÃO CONFUNDIR  
141, Rua de D. Pedro, 141  
PORTO

Instituto Orthopedico Portuense  
da Casa da Torre Eiffel  
(Proximo á Cadeia Velha)

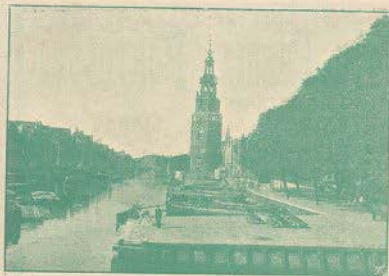
CAMILLO MARTINS D'ARAÚJO



CONTRA  
A DEBILIDADE  
VINHO NUTRITIVO DE CARNE.  
APPROVADO  
PELO GOVERNO E JUNTA  
CONSULTIVA DE SAUDE PUBLICA  
PREMIADO COM AS MEDALLHAS DE OIRO  
NAS EXPOSIÇÕES DE LISBOA E PARIS  
UM CALIX D'ESTE VINHO  
REPRESENTA UM BOM BIFE

CONDE DO RESTELLO & C.ª

PHARMACIA FRANCO, FILHOS—BELEM—Lisboa



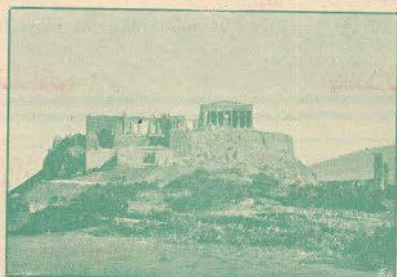
AMSTERDAM — A Torre de Montauban.

# Viagens baratissimas À TERRA SANTA

## Ernst George, Successores

*Rua Bella da Rainha, 8 — LISBOA*

Viagens  
ao  
EGYPTO  
e no  
NILO



ATHENAS — O acropolis

Viagens  
de  
recreio no  
Mediterraneo  
e ao Cabo  
Norte  
(*0 sol á meia  
noite*)

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc. etc.

### CHEQUES DE VIAGEM

SUBSTITUINDO VANTAJOSAMENTE AS CARTAS DE CREDITO

## Ernst George

SUCCESSORES

8, R. Bella da Rainha, 8

LISBOA



VIENNA D'AUSTRIA — A Opera

# BANCO COMMERCIAL DE LISBOA

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA  
FUNDADA EM 1875

**Séde: 109, Rua d'El-Rei, 109 — LISBOA**

Capital realisado . . . 2.000:000\$000 réis

Fundo de reserva . . . 222.379\$801 ..

Correspondentes em todas as localidades do paiz e ilhas e nas principaes praças estrangeiras, sobre as quaes toma e fornece saques, dá ordens telegraphicas e cartas de credito.

Recebe depositos á ordem e a praso fixo, abre creditos em conta corrente e effectua todas as operações de BANCO

**Agente no Porto: Manuel Pereira Penna & C.<sup>a</sup>**

**PRAÇA CARLOS ALBERTO, 128**

Telephone n.<sup>o</sup> 159

**Casa bancaria**

**José Henriques Totta**

69, 71, RUA DO OURO, 73, 75

LISBOA

**M. HERRMANN**

Casa fundada em 1865

Officinas: Calçada do Lavra, 8 a 10  
Deposito: R. de S. José, 2 a 8, Lisboa

ELECTRICIDADE  
MACHINAS, APPARELHOS, INSTALLAÇÕES,  
CONSTRUÇÕES ELECTRICAS

**CHALPTON**

UNICO DEPOSITARIO

**JERONYMO MARTINS & FILHOS**

FORNECEDORES DA CASA REAL

LOJA DE CHÁ-17-CHIADO-19

ARMAZEM DE VIVERES-CHIADO<sup>3</sup>15

PAPELARIA-OBJECTOS PARA ESCRITORIO,

BIJOUTERIAS-PERFUMARIAS-LOUÇAS E VIDROS

LISBOA



# TOMAE

# O CAFÉ DA Brazileira

O MAIS SABOROSO  
FINO E AGRADAVEL

## R. GARRETT-120

### Lisboa



Royal Mail Steam  
Packet Company

## Mala Real Ingleza

*A mais antiga companhia da carreira do Brazil*

Agencia: Rua d'El-Rei, 31, 1.º-LISBOA

Os paquetes d'esta companhia  
sahem de Lisboa semanalmente para os seguintes portos:

*Madeira, S. Vicente, Pernambuco, Bahia,*

*Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayres*

No regresso do Brazil os vapores d'esta companhia  
tocam em Lisboa, tomando passageiros para Southampton  
e Cherbourg. As accommodações são inexcelsives  
em conforto, havendo a bordo d'estes paquetes todos os  
melhoramentos que se tem inventado para minorar os  
inconmodos de uma viagem por mar. Ha a bordo de  
taes os paquetes cozinheiros e creados portuguezes.

**Os vapores empregados n'esto serviço são:**

ASTURIAS, 12:137 toneladas.

AVON, 11:072 toneladas.

ARAQUAYA, 10:400 toneladas.

AMAZON, 10:100 toneladas.

ARAGON, 10:000 tonel.ºº

DANUBE, 5:046 tonel.ºº

NILE, 5:046 toneladas.

CLYDE, 5:045 toneladas.

THAMES, 5:045 tonel.ºº

MAGDALENA, 5:362 tonel.

James Bates & C.º

N.º telephonic 169



COMPANHIA DO ASSUCAR DE Mocambique

Fabricas em Mespea (MOÇAMBIQUE)

Refinarias na Junqueira e na Avenida da India  
(Justo à estação do caminho de ferro em Alcanide)

SÉDE  
Rua de S. Julião, 109 - LISBOA

DIRECTORES:

Frederico Ressano Garcia, presid.  
Diogo Joaquim de Mattos  
Jeronymo da Costa Bravo  
José Augusto Moreira d'Almeida  
José Carlos de Carvalho Pessoa



# BANCO COMMERCIAL

## DO Porto

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA  
FUNDADA EM 1839 - RECONSTITUIDA EM 1894

CAPITAL REIS 7000:000:000

CORRESPONDENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO PAIZ E ILHAS E NO RIO DE JANEIRO, BAHIA, PARA MAMAU'S, CEARA, PERNAMBUCO, S. PAULO, SANTOS, CAMPINAS e RIO GRANDE DO SUL; EM LONDRES, PARIS, HAMBURGO, GENOVA, MADRID, AMSTERDAM E OUTRAS PRAÇAS ESTRANJEIRAS.

EFFECTUA DESCONTOS, TRANSFERENCIAS E MAIS OPERAÇÕES DE BANCO, TOMA E SACCA LETTRAS, DÁ ORDENS TELEGRAPHICAS E CARTAS DE CREDITO; RECEBE DEPOSITOS A ORDEM E A CORRENTE.

PRASO FIXO E ABRE CREDITOS EM CONTA

CORRESPONDENTES EM LISBOA



OS SRS.

PEDRO ARAUJO & C<sup>a</sup>

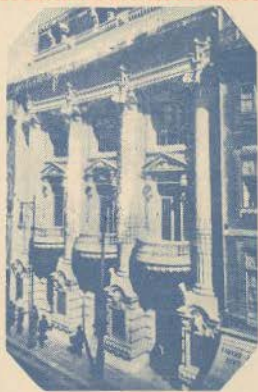
R. DA MAGDALENA, 66.º

## Banco Lisboa & Açores

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Sede em Lisboa: 158, RUA D'EL-REI, 158

OPERAÇÕES BANCARIAS NOS SEUS VARIADOS RAMOS



Recebe depositos a ordem e a prazo  
Cartas de credito circulares para qual-  
quer praça do estrangeiro

Recebe depositos a ordem e a prazo  
Cartas de credito circulares para qual-  
quer praça do estrangeiro

CORRESPONDENTES

em todas as cidades e villas do paiz, ilhas dos Açores, Madeira, e nas principaes praças da Europa, America do Norte e Brazil

LIVRARIA — PAPELARIA

OFFICINAS DE

Encadernação e typographia

DE

LOPES & C.<sup>a</sup> — Editores

119, Rua do Almada, 123 — PORTO

TELEPHONE N.º 249

## ROBERT ROGENMOSER & C.<sup>a</sup>

44, Rua da Alfandega, 52 — LISBOA

AGENCIA NO PORTO

VASCO BARBEDO

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA — 310, 1.º

Machinas industriais e agricolas e todos os accessorios para as industrias

Tintas de impressão de superior qualidade

ELECTRICIDADE

INDUSTRIA PORTUGUEZA

# OLEO DE FIGADOS DE BACALHAU ARRIAGA

(Para uso medico)

Preparado sob a direcção do dr. G. O. d'Arriaga

Depositarios PEREIRA & LANE

Rua da Prata, 51, 2.º

REPRESENTANTE NO PORTO

**Bernhard Leuschner**

63 — Rua do Infante D. Henrique — 63

**PEREIRA & LANE** RUA DA PRATA, 51, 2.º  
\*\* LISBOA \*\*

# COMPANHIA DE SEGUROS AÇORIANA

SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL (réis insulane) 1.000.000\$000

Agentes geraes PEREIRA & LANE

R. da Prata, 51, 2.º

SUB-AGENTES NO PORTO

**M. Almeida & Santos**

RUA DA NOVA ALFANDEGA, 31

Sede: PONTA DELGADA, Ilha de S. Miguel

— AÇORES —

# MOAGEM DE CEREAES A VAPOR

Systema austro-hungaro

# João de Britto

LIMITADA

CASA FUNDADA EM 1836

# Fabrica de Bolas chas

BEATO ANTONIO

ESCRITORIO: RUA D'ALFANDEGA

Entrada: Rua dos Arameiros, 11, 1.º

\*\*\*\*\* LISBOA \*\*\*\*\*

\*\*\*\*\* Telephone n.º 141 \*\*\*\*\*



# Empreza Nacional de Navegação

Correiras para as costas oriental e occidental d'Africa, Sahidas de Lisboa para a Africa Occidental e Oriental, ilhas de Cabo Verde e Guiné Portugueza.

—Navegação para a costa oriental.—Sahida no dia 7 de cada mez, para a Madeira, S. Thomé, Loanda, Lourenço Marques, Beira, Moçambique; e para Quelimane, Chinda, Inhambane, Bartholomeu Dias, Porto Amelia, Ibo, Angoche e Tungue, com trasbordo.

—Navegação para a Guiné Portugueza.—Sahida no dia 4 de cada mez, para Bissau e Bolama.

—Navegação para a costa occidental.—Sahida no dia 7 de cada mez, para a Madeira, S. Vicente (Santo Antão, S. Nicolau, Sal, Boa Vista, Maio, Fogo, Brava e Tarrafal, com baldeação em S. Vicente), S. Thiago, Príncipe, S. Thomé, Cabinda, Ambriz, Loanda (Benguella Velha, Egypto, Cuio, S. Nicolau, Bahía dos Tigres e Porto Alexandre, com baldeação em Loanda), Novo Redondo, Lobito, Benguella e Mossamedes.

—Navegação para a costa occidental.—Sahida no dia 22 de cada mez, para S. Thiago (S. Vicente, Santo Antão, S. Nicolau, Sal, Boa Vista, Maio, Fogo, Brava e Tarrafal, com baldeação em S. Thiago), Príncipe, S. Thomé, Cabinda, Santo Antonio do Zaire, Ambriz, Loanda (Musserra, Ambrizette, Mucula, Quissanga, Boma, Noqui, Matadi e Lanfana, com trasbordo em Loanda), Novo Redondo, Lobito, Benguella e Mossamedes.

Para carga e passagens trata-se em LISBOA, escriptorio da Empresa, 85, Rua d'El-Rei.—No PORTO, com os agentes srs. H. Burmeister & C.ª

# Cambios, Papeis de Credito e Loterias

VIERLING & C.ª, LIMITADA

44, Rua do Arsenal, 46  
1, ESQUINA DO PELOURINHO, 3  
— LISBOA —

Esta casa compra e vende sempre pelos melhores preços do mercado: todas as moedas nacionaes e estrangeiras em ouro, prata e cobre, todas as notas dos bancos de Hespanha, França, Inglaterra, Alemanha, Italia, Austria, Holanda, Suecia, Noruega, Belgica, Suissa, Estados Unidos da America do Norte, Brazil, Republica Argentina, Africa do Sul, etc. \*\*\*\*\*

Sacca sobre todas as principaes praças de Hespanha e mesmo sobre muitas povoações pequenas. \*\*\*\*\*

Desconta todos os juros nacionaes e estrangeiros vencidos e a vencer. \*\*\*\*\*

Compra saques sobre o estrangeiro. \*\*\*\*\*

Compra e vende inscrições e obrigações do Estado, acções de bancos, acções e obrigações de companhias e fundos hespanhoes. \*\*\*\*\*

Sacca e desconta letras sobre o Porto, Coimbra, e diversas outras terras do paiz. \*\*\*\*\*

Satisfaz com a maxima promptidão todos os pedidos de loterias que venham acompanhados das suas respectivas importancias. \*\*\*\*\*

Endereço telegraphico — VIERLING — Lisboa

# PHARMACIA LUSO-AFRICANA

DEPOSITO GERAL  
do  
LICOR RADICAL

DE  
HUMBERTO  
DIAS

R. DA PALMA  
55-1º



**FABRICA DE BILHARES DE PRECISÃO**  
**DIAS FERREIRA & CIA**  
 CONSTRUÇÃO DE BILHARES POR SYSTEMA  
 COMPLETAMENTE NOVO  
 GRANDE DEPOSITO DE BILHARES EM 2.ª MÃO  
 ACCESORIOS PARA  
 TODOS OS JOGOS:  
 JOGOS DE SALA E  
 JARDIM.

**PORTO**  
 FABRICA e  
 ESCRITORIO  
 R. do BREYNER  
 97  
 Nº TELEPHONICO  
 291

**PROGREDIOR**

DEPOSITO  
 R. do BOMJARDIM  
 117-119  
 Nº TELEPHONICO 365

ADRESSE TELEGRAPHICO **PROGREDIOR**

PEÇAM CATALOGO ILLUSTRADO

**MARCENARIA**  
**1.º DE DEZEMBRO**

RUA  
 DA  
 ROSA, 168  
 LISBOA - TELEPHONE 883

**MOVEIS** EM  
 TODOS OS  
**GENEROS**

REIS  
 COLLARES & CIA

**Companhia Fabril de Salgueiros**  
 Sociedade anonyma de responsabilidade limitada  
**CAPITAL 375:000\$000 RÊIS**

Fiação, torcedura, tecelagem, acabamentos  
 e tinturaria de algodão para o continente e ilhas

**ESPECIALIDADE EM ARTIGOS CRUS E DE CORES  
 PARA OS MERCADOS AFRICANOS**

Premiada nas Exposições Universaes de Paris,  
 1878-1889; Industrial de Lisboa, 1888;  
 Industrial do Porto, 1897

Séde Agência  
 R. da Constituição, Porto R. d'El-rei, 35, Lisboa

**FABRICA CONFIANÇA**  
 A VAPOR DE  
**Chocolate, torração e moagem  
 de café e chicoria**

Grande sortimento de especiarias, taes como:  
 Canela, pimenta, colorau, etc.

**JOÃO FERREIRA**  
 172, R. BARÃO DE S. COSME, 176 - PORTO

Depositarios  
**NUNES TORRADO & C.ª**  
 55, R. DE SANTA CATHARINA, 59 - PORTO

**PANHARD & LEVASSOR**

*Ricardo O'Neill & Co*

ENGENHEIROS

AUTOMOVEIS DE VARIAS MARGAS - ESCALERES A GAZOLINA

AGENTES - SOCIÉTÉ ANONYME DES ANCIENS ÉTABLISSEMENTS

PANHARD & LEVASSOR

E DA CASA

TELLIER FILS & GERARD

AVENIDA DA LIBERDADE

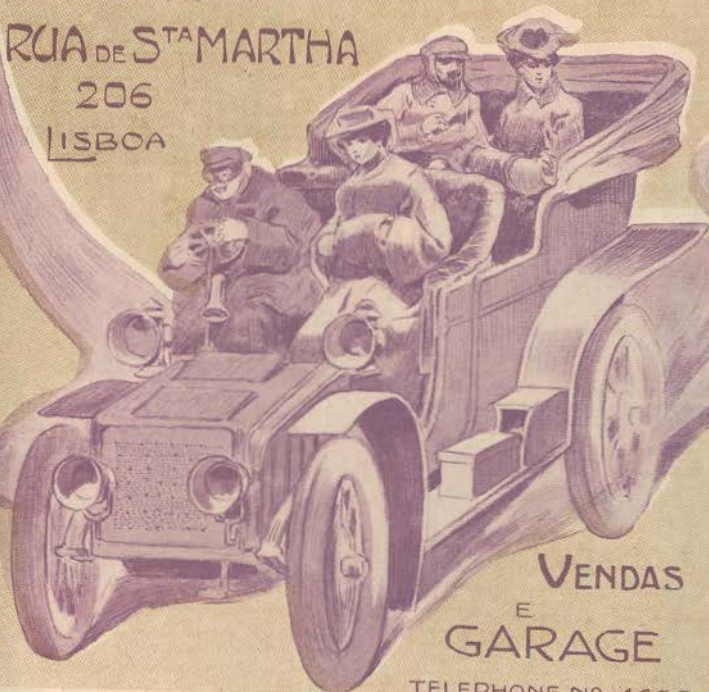
- 87-K

OFFICINAS

RUA DE S<sup>TA</sup> MARTHA

206

LISBOA



VENDAS

E

GARAGE

TELEPHONE Nº-1665

# Vinho do Porto

GRANDE DEPOSITO  
DE  
TABACOS E OUTROS  
ARTIGOS.  
DE  
**VAZ & ABRAL**  
PORTO

*Tonga*

IMPORTAÇÃO  
DIRECTA, DAS MELHORES PRO-  
CEDENCIAS, DE TODOS OS  
ARTIGOS PROPRIOS PA-  
RA FUMADORES EXCLUZI-  
VO DOS CELEBRES CHAR-  
RUTOS E PAPEL PARA CI-  
GARROS **TONGA** E  
UNICOS IMPORTADORES  
DO NORTE, DOS CHARUTOS  
**DANNEMANN & CO**  
DA BAHIA - BRAZIL  
DESCONTOS PARA REVENDEZ.




DEPOSITO DE LISBOA  
21-RUA do ALECRIM

**Banco do Minho**  
SÊDE EM BRAGA  
FUNDADO NO ANNO DE 1864

Endereço telegraphico: MINHO

**CAIXA FILIAL NO PORTO**  
Rua de D. Pedro, 16, 1.º

Agencia em Lisboa: **BANCO LISBOA & AÇORES**

**EFFECTUA TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS**

Correspondentes em todas as cidades, villas e logares importantes de Portugal, Hespanha, Italia, Allemanha, Turquia, Londres, Paris, Montevidéu e Buenos-Ayres

**AGENTES NO BRAZIL:**

RIO DE JANEIRO: José da Silva & C.ª, rua da Quitanda, 123.  
S. PAULO: Garcia, Nogueira & C.ª.  
SANTOS: Ferveira de Sousa & C.ª.  
BAHIA: Banco Commercial da Bahia.  
PERNAMBUCO: Luiz Duprat.  
RIO GRANDE DO SUL: Campos Moraes & C.ª.  
PARÁ: Banco do Pará.  
MANAUS: Banco Amazonense.

SUB-AGENCIAS EM LOCALIDADES DE SECUNDARIA IMPORTANCIA

**ALFREDO DAVID**  
 Encadernador e Dourador  
 Oficinas movidas a vapor



CASA FUNDADA EM 1867  
 FABRICA DE LIVROS EM BRANCO  
 E CAXAS PARA ESCRITORIO  
 Rua Serpa Pinto, 30, 32, 34, 36  
 Rua Anchieta, 3-3A  
**LISBOA**



**Escola Pratica  
 Commercial  
 Raul Doria**

FUNDADA EM 1902 (Titulo registado)  
 189, R. Gonçalo Christovão, 191-PORTO  
 (Palacete das Souza)  
 Endereço telogr.: Pratica—Telephone n. 962

Primeiro e unico estabelecimento do paiz de ensino commercial verdadeiramente pratico.—Linguas, Sciencias, Commercio, Calligraphia, Stenographia, Dactylographia, Direito.—Ensino pratico e individual.—Cursos por correspondencia—Cursos nocturnos e diurnos—Gymnastica e jogos hygienicos (foot-ball, lawn-tennis, croquet, etc.)

Esta escola está sempre em exposição para quem deseje verificar o modo do seu funcionamento.

**ALUMNOS INTERNOS E EXTERNOS**

Enviem-se programmas gratuitamente

**COMPANHIA INDUSTRIAL  
 DE PORTUGAL**  
 SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE  
 LIMITADA  
 PROPRIETARIA  
 DA  
 Fundação Typographica Portuense

Fabrica: Trav. Alvaro de Castellões  
 Escritorio: P. de D. Pedro, 28, 1.<sup>o</sup>

STEREOTYPYIA  
 GALVANOPLASTIA

Tipos romanos e italicos, cursivos gothicos e novidades em phantasia  
 Sempre em deposito grande sortimento de tipos a todo  
 o material proprio para typographia  
 Representante das principais casas estrangeiras constructoras de machinas typographicas e litas de impressão  
 Material de 1.<sup>o</sup> ordem e pessoal habilitado  
 Fornecedor das principais emprezas jornalisticas  
 Dão-se orçamentos completos para montagem de typographias

**PREÇOS SEM COMPETENCIA**

**VIGOR, SAUDE, BOA  
 CÔR, FORÇA, APETITE**

MEDICAMENTO, ESPECIAL PARA SUBSTITUIR O OLEO DE FIGADOS DE BACALHAU E AS EMULSOES.  
 CURA AS ESCROFULAS, ORCHITISMO, A FRAQUEZA, GERAL, ETC.

**FOSFODOGLICINA  
 DE  
 LEMOS & Filhos**

• DEPOSITOS •  
 PORTO-PHARMACIA LEMOS & FILHOS  
 LISBOA-VICENTE PIMENTEL & QUINTANS •  
 AVENIDA TODAS AS PHARMACIAS



# Companhia de Panificação

## Lisbonense

### Séde

## Rua da Palma, 272.

### LISBOA

Esta Companhia fabrica, pelo processo **mechanico**, **pão de todas as qualidades**, pelos systems **alemão**, **inglez** e **hespanhol**, (para o que tem especialistas **contractados**), na sua **FABRICA DE PANIFICAÇÃO MECHANICA** a **Campo de Ourique**, fazendo-o distribuir aos **depositos** e **domicillos**; assim como fabrica diariamente **todas as Variedades de pastelaria franceza e portugueza** tendo sempre, recente para a venda, um colossal sortimento de **doces** e de **bolos** e dos mais apreciados **vinhos e licores** tanto nacionaes como estrangeiros.

Encontram-se todos estes artigos, entre muitos outros estabelecimentos da Companhia, nos seguintes locais:

Rua de S. João dos Remezados—(Casa de venda da fabrica mechanica).

Rua Nova do Carmo, 88—(Deposito geral da Companhia).

Rua de D. Pedro V, 57 e 81—(Pastelaria e Padaria Ca-boense).

Calçada do Sacramento, 26—(Padaria Lisbonense).

Rua Nova da Palma, 300—Rua do Loreto, 23—Rua Maria Andrade, 24—Rua do Livramento a Alcantara, 100, etc., etc., e muitos outros.

Tabella de preços do pão.....	Kilo.....	80 e 70 réis
	Meio kilo (qualidade especial)....	45 »
	» (de familia).....	40 »
	Antigo formato de 40 réis.....	35 »
	Ao pão de 20, 15, 10 e 5 réis, faz-se 10 % de desconto.	

Além do pão commum ha sempre à venda o apreciado pão de **Vienna d'Austria**, o pão de **Gluten**, para **diabeticos**, e muitas outras **especialidades**, bem como **todas as especialidades em doces d'ovos**.


## RUA DA PALMA, 272, 1.º

### LISBOA

Variedades de pastelaria  
franceza e portugueza







GRANDES ARMAZENS

DO  
**CHIADO**

2, Rua do Carmo, 2—LISBOA  
**SANTOS, CRUZ & OLIVEIRA, L.<sup>DA</sup>**

*O primeiro  
estabelecimento do paiz em vastidão, em luz  
e em sortimento*

**PREÇOS DAS FABRICAS**

Os **GRANDES ARMAZENS DO CHIADO** recebem todos os dias caixas com as ultimas **NOVIDADES** vindas das suas casas do Porto, Paris, Lyon, Vienna, Londres e Berlim para todas as suas importantissimas secções.

**GRANDES ATELIERS**

DE  
**Modista franceza e alfayate**

**PREVENÇÃO**

Ninguem pôde competir, em preços, com os **Grandes Armazens do Chiado** em virtude de possuirem **FABRICAS** de sêdas, las para vestidos, gravatas, malhas, luvas e perfumarias e de terem o exclusivo de venda de todos os productos de mais de 500 fabricas nacionaes e estrangeiras.

**Saldos e pechinchas**

**BRINDES todos os dias** → **RETALHOS** ás sextas-feiras

*Enviã-se amostras para a provincia e executã-se  
encomendas sem ser preciso enviar a importancia, sendo estas  
pagas no acto da entrega*

**FAÇA-SE UM PEDIDO A TITULO DE EXPERIENCIA**

PEÇAM O NOSSO CATALOGO  
QUE SE ENVIA GRATIS A QUEM O PEDIR

**TELEPHONE N.º 1310**

# OURIVESARIA REIS

Jóias, ouro, pratas, relógios, esmaltes,  
bronzes e marmores artísticos

Rua de Santo Antonio, 239

PORTO

Exposição permanente



**A.A. CALEM & FILHO**

PREMIADO COM AS PRIMEIRAS RECOM-  
PENSAS NAS EXPOSIÇÕES  
ROCHEFORT-SUR-MER  
BRUXELLAS BORDEUS  
MARSELHA DIJON  
PARIS

ENDEREÇO  
CASA FUNDADA  
EM 1859  
GRAND-PRIX  
NA EXPOSIÇÃO  
DE  
LION

TELEGRAPHICO  
**CALEMFO**  
TELEPHONE  
N.º 488  
**PORTO**

**GRANDES ARMAZENS  
DE VINHOS**

EXPORTAÇÃO PARA TODOS  
OS PAIZES DA EUROPA  
AMERICA E AFRICA

**MARQUES, LOURENÇO & C.ª**

ALFAYATES

EPECIALIDADES EM ARTIGOS INGLEZES  
ACABAMENTOS DE PRIMEIRA ORDEM

CALÇADA DO SACRAMENTO, 6 (Chlado)

LISBOA

Casa especial de PRATAS

A mais profusamente  
sortida

Fundada em 1862

**Ourivesaria  
SANTOS**

PREÇOS DE FABRICANTE  
(OFFICINAS ANNEXAS)

110, Rua do Loureiro, 110 - PORTO

# Photographia da Casa Real

**EMILIO BIEL & C.<sup>^</sup>**



Esta antiga e acreditada casa executa com a maior presteza e a maxima perfeição todos os trabalhos por qualquer processo photographico e phototypico, sendo uma installação de primeira ordem e com razão considerado o primeiro atelier do paiz. Executam-se retratos desde miniaturas em marfim e porcelana até tamanho natural, por processos inalteraveis (carvão, platina, etc.). Retratos artisticos coloridos e pintados a aguarella e a oleo; reproduções de photographias por mais pequenas e antigas que sejam para qualquer tamanho, etc., etc. Os trabalhos em phototypia escolhidos para grandes tiragens, illustrações de livros, bilhetes postaes, retratos de estudantes no fim dos cursos, etc., etc., são inalteraveis e economicos. Para todos estes trabalhos tem o nosso estabelecimento conceituados artistas de conhecido merito. Grande collecção de vistas e costumes de todo o paiz.

**RUA FORMOSA, 342 (PALACIO DO BULHAO) — PORTO**

## **A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL**

**GRANDE PUBLICAÇÃO QUINZENAL**

Reprodução em phototypia de monumentos, cidades, paisagens, etc., de tudo o que ha de mais notavel em Portugal



Cada fasciculo composto de 4 phototypias impressas em cartolina 30x40, artigo descriptivo em portuguez e francez, com uma capa artistica, 500 réis.—Brindes distribuidos com o I e IV volumes duas grandes heliogravuras: *Uma aldeia no Minho e Paisagem no Choupal, Coimbra*.—Estão completos 4 volumes contendo vistas de Lisboa, Jeronymos, Cintra, Alcobaca, Evora, Coimbra, Porto, Guimarães, Villa do Conde, Vianna, Barcellos, Santarem, Setubal, Mafra, etc., etc. Assignatura permanente para dois ou mais fasciculos mensaes. Cada volume encadernado com capa especial contendo 48 phototypias, artigo descriptivo em portuguez e francez 7\$500 réis: dourado por folhas, 8\$000 réis—A' venda nas principaes livrarias e em casa dos editores.

**EMILIO BIEL & C.<sup>^</sup>—Rua Formosa, 342—PORTO**

Fabrica  
Confiança



R. Cunha  
& C<sup>a</sup>

SUCURSAL  
EM LISBOA

PREMIADA  
EM DIVERSAS EXPOSI-  
ÇÕES COM MEDALHAS  
DE OURO E PRATA

CAMISAS, CEROULAS  
E TODOS OS ARTIGOS  
DE ROUPA BRANCA PARA  
HOMENS, SENHORAS E  
CREANÇAS.

GRANDE EXPORTAÇÃO

PARA OS ESTADOS UNIDOS DO  
BRAZIL

E A MAIOR FABRICA  
DE ROUPAS BRANCAS DA PENINSULA

145 R. DE SANTA CATHARINA

PORTO 155

Rua Augusta 271a 279

União

Photographia da CASA REAL

PROPRIETARIO

++ Pinho Henriques

Palacio da Praça da Trindade

PORTO



Atelier frequentemente concorrido pelas principais familias do paiz. O primeiro edificio no genero em toda a peninsula. Unica casa especial em ampliações, reproduções e pintura. Atelier o mais premiado da peninsula. Garantia absoluta de trabalho, Guarda-roupa de costumes do Minho, Processos os mais aperfeiçoados e inalteraveis. Execução rapida, operando com todo o tempo, mesmo em dias de chuva. Reprodução de retratos antigos por mais apagados que sejam. Salões de leitura, recepção, espera e toilette. Atelier preferido pela Familia Real Portuguesa. Pessoal contractado expressamente em Paris e Madrid, Amplo e elegante *Salão Nobre* destinado a concertos, jantares, bailes, soirées, festas de caridade, etc., etc.

VÊLHOS  
NOVOS  
RICOS  
E  
POBRES



TODOS  
PODEM  
TOMAR  
A

CERVEJA  
CRISTAL.

RUA PIEDADE  
PORTO

DE  
PREFERENCIA  
A TODAS  
AS  
MARCAS

COMPANHIA  
UNIÃO  
FABRIL  
PORTUENSE

A' venda em toda a parte

ENDEREÇO TELEGRAPHICO

FABRICA FRANCOS

TELEPHONE Nº 601

MEDALHA D'OURO  
DIPLOMA DE MERITO  
EXPOZICAO INDUSTRIAL DE 1897

Fabrica de Francos

MAQUINA E POUER  
MARCA REGISTRADA

190, R. CENTRAL DE FRANCOS, 190

PORTO

# Manufatura

De passamanarias de lã, seda ou algodão, em forma de galões, fitas, cardaços, tranças ou soutaches

## a vapor PRODUÇÃO ANNUAL

15 MILHÕES DE METROS



Medidas garantidas — Qualidades superiores

Para evitar falsificações, exigir sempre a nossa marca registada

190, Rua Central de Francos, 190 — PORTO



## Fogões americanos e outros

MILHARES FUNCIONANDO NO BRASIL E PORTUGAL

ESTUFAS E FOGÕES DE SALA

### LUZ-ARDA

Ultimo modelo com descaço ao lado

“HERBERT CASSELS.” — PORTO

Preço posto em Lisboa ou qualquer estação de provincia, inclusive embalagem, 1\$700 réis

Estufas para sala, quarto e escritorio

Pedir gravuras e tabelas franco correio a

## HERBERT W. CASSELS

191, RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 193

PORTO

Armazem: Res-do-Chão — Escritorio: 1.º andar

Telegrammas: HERCASSELS

(Telephone: Porto n.º 330)

Representante de casas americanas e Inglesas





# FABRICA DA PAMPULHA

DE EDUARDO COSTA - R. 24 de JULHO

**DEPOSITO GERAL**  
32, Rua dos Retozellos, 34 — LISBOA

**DEPOSITO NO PORTO**  
143, Rua de D. Pedro, 145 — PORTO

*O mostruario acha-se sempre patente na fabrica ou nos depositos*

Esta fabrica foi a primeira que se montou no seu genero em Portugal, possuindo os machinismos mais aperfeicoados. São em elevado numero as recompensas obtidas em todas as exposições a que tem concorrido. Os maiores premios teem-lhe sido conferidos.



## EMPRESA CERAMICA DE LISBOA

*Sociedade Anonyma Responsabilidade Limitada*

**CAPITAL 200.000\$000**

Premiada nas exposições: de Ceramica do Porto, 1882; Agricola de Lisboa, 1884; Internac. Londres, 1884; Industrial Portugueza, Lisboa, 1888 e 1893; Int. Porto, 1897; Univ. Paris, 1900; Ceramica, Porto, 1901; Industrias, artes e sciencias, S. Miguel, 1901.

Fabrica a vapor de telhas, tijolos e mais productos ceramicos e silico-calcareos para construções

**Fabricas a vapor:** De productos ceramicos em Lisboa, Rua Saraiva de Carvalho. — De productos silico calcareos em Coima, Concelho do Seixal. DEPOSITO DE TITOLLOS SILICO-CALCAREOS, Rua 24 de Julho. — ESCRITORIO, Rua da Boa Vista, 180, 1.º — Lisboa. Telephone n.º 1.769

## COMPANHIA

### FRIGORIFICA PORTUGUEZA

FABRICA A VAPOR DE GELO  
ALCANTARA — LISBOA

Produção diaria 48.000 kilos

*Fabricação a vapor de chocolates e bonbons. Especialidade em bonbons fourrés e acidules. Chocolates e pó de cacau finissimo. Exigir a marca FRIGOR em todos os productos. A venda em toda a parte.*

ESCRITORIO E DEPOSITO

Rua Nova do Almada, 24, 2.º — LISBOA

TELEPHONE N.º 453

## Fabrica Portugal

MACHINAS E ALFAIAS AGRICOLAS

Especialidade em charruas, aivecas e relhas acirradas

33, Praça dos Restauradores, 41

\*\*\*\*\* LISBOA \*\*\*\*\*

## Fabrica Portugal

CAMAS DE FERRO SYSTEMA INGLEZ

COLCHÕES DE ARAME, FOGÕES, ETC.

== COLCHOARIA ==

## Cofres á prova de fogo

Resistentes a qualquer instrumento cortante ou perfurante por

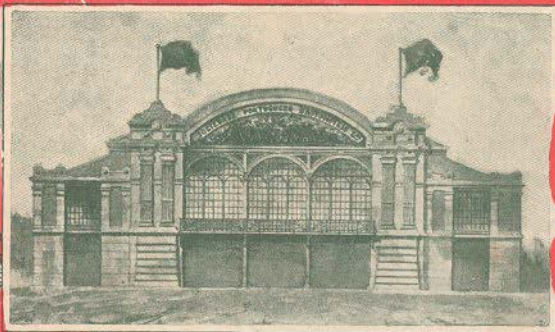
**Couraças privilegiadas**

DEPOSITOS E ESCRITORIO

33, Praça dos Restauradores, 41-A

(QUARTILHÃO DA RUA DOS CONDES)

== LISBOA ==



Sociedade Portuguesa

DE **AUTOMOVEIS, Limitada**

FORNECEDORES DIPLOMADOS DA CASA REAL

**RUA ALEXANDRE HERGULANO**

Representante das primeiras fabricas e marcas do mundo:

O primeiro estabelecimento  
do genero em Portugal

Carros de luxo, camions  
de transporte, omnibus, etc.

**Rénault-Dion, Bouton, Brazier,**

**Dietrich-Isotta Fraschini**

**GARAGE E REPARAÇÕES**

Officinas de construcção e reparação de carros-  
series e carruagens (antigas officinas A. Garcia)

Officinas de reparação de automoveis de to-  
das as marcas: Rua da Escola Polyte-  
chnica, 257, 261



**Claus & Schweder**  
Successor



A  
VENDA  
EM  
TODA  
A  
PARTE

**SABONETES  
E  
PERFUMARIAS**

A preferência que todos dão aos Sabonetes e perfumarias de

**CLAUS & SCHWEDER, Successor**

provém da sua magnífica qualidade e esmerado fabrico. — A' venda em toda a parte.

**Medalhas de ouro**

Porto, 1897;  
Paris, 1900;  
Porto, 1903-4;  
S. Luiz, 1904;  
Maurit, 1907.

**MarCA REGISTADA**

**Diplomas d'honra**

(A maior recompensa)

Porto, 1903-4.

Fabrica, escriptorios e deposito geral  
— Rua Serpa Pinto, 195, PORTO;  
R. dos Corroeiros, 71, LISBOA.

## Gasa Chinaeza

ANTIGA LOJA DE CHÁ E CAFÉ

Joaquim Pereira da Conceição

Chás verdes e pretos



Prindes permanentes a todos os freguezes. Louças de novidade. Louças e charões da China e Japão.

Marca registada

234, R. do Ouro, 236-LISBOA A  
(Diante do Monte-pio Geral)

## Discos Simplex

DE DOUBLE FACE, OS MELHORES PELA SUA NITIDEZ E DURAÇÃO CONTEUDO O MAIS VARIADO E MODERNO REPORTORIO EM MUSICA E CANTO DOS MELHORES AUCTORES NACIONAES E EXTRANJEIROS. MARCA REGISTADA, PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE **J. Castello Branco** PREÇOS EXCEPCIONAES E GRANDES DESCONTOS PARA A VENDA NO BRAZIL E COLONIAS PORTUGUEZAS.

Grande deposito de discos e machinas falantes

PEDIR CATALOGOS A

**J. CASTELLO BRANCO**

R. de Santo Antão, 32, 34 e 82

LISBOA

## Novo diamante americano

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A única que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 rs., broches a 800 rs., brincos a 18000 rs. o par. Lindos collares de perolas a 18000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei.

NÃO CONFUNDIR A NOSSA CASA  
Rua de Santa Justa, 96

\* \* JUNTO AO ELEVADOR \* \*

LISBOA



A maior garage do paiz em edificio expressamente  
construido para esse fim

Agencia exclusiva em Portugal  
dos automoveis

CHARRON (OGV)

À marca DU GRAND MONDE e CLÉMENT e mais  
antiga marca franceza de cycles e automoveis

DIRECTOR E PROPRIETARIO

JOÃO GARRIDO

(Casa fundada em 1891)

ESCRITORIO

Rua de Passos Manuel, 16, 18 e 20

Telephone 697—End. teleg. AUTOMOVEL—PORTO



# Companhias Reunidas GAZ E ELECTRICIDADE

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital 5.550:000\$000 rs.

Achando-se em pleno funcionamento as installações electricas da força de 5.000 cavallos recentemente inauguradas no edificio das Companhias Reunidas, a Boa Vista, estão estas habilitadas a fornecer electricidade, não só para iluminação e aquecimento, mas também como força motriz, em toda a extensa area onde a corrente já se acha estabelecida, como nos pontos onde successivamente se vai installando, quer pela ordem normal da sua exploração, quer mediante requisições de industrias ou particulares que pretendam ramaes para seu uso—requisições essas que serão satisfeitas em condições absolutamente vantajosas para os senhores consumidores.

No decidido empenho de prestar à cidade de Lisboa um relevantissimo serviço, as COMPANHIAS REUNIDAS GAZ E ELECTRICIDADE vão expôr à venda—e a pagamentos por prestações minimas, para assim facilitar a sua aquisição—uma variada colleção de pequenos e engenhosos aparelhos mechanicos, destinados à execução de **industrias caseiras** e proprios a facilitar, d'uma maneira eficaz e economica, o labor de muitos artistas e operarios, taes como caldeiros, serralheiros, carpinteiros, torneiros, latoeiros, sirqueiros, ourives, relojeiros, etc., etc.

R. da Boa Vista, 27-Lisboa

Força motriz electrica ao alcance  
de todas as industrias

Para bem demonstrar, d'uma maneira pratica e concizamente, as enormes vantagens d'essas pequenas machinas—que suprimem o violento e extenuante trabalho manual e pedestre, dando sobre este uma produção mais do que triplicada—as Companhias Reunidas resolveram fazer, **por sua conta**, uma installação de cada uma das industrias a que essas machinas se applicam, a fim de que um artefice de cada especialidade possa experimentar—sem dispendio algum—e depois testemunhar as assombrosas vantagens resultantes d'estes modernissimos processos de trabalho, actualmente adoptados nos paizes mais cultos, onde a sua voga, dia a dia crescente, attesta, d'uma forma indiscutivel, o proveitoso resultado da sua laboração.

Com igual proveito serão esses aparelhos empregados em pequenas **industrias caseiras**, pondo ao alcance de todas as familias a produção facil e lucrativa de centenas de objectos, tanto de uso como de recreio, objectos que até, agora nos veem do estrangeiro e que, assim, poderão ser produzidos no paiz, com apreciaveis vantagens de lucro e de economia para quem os fabricar e para quem os adquirir.

Além de, como fica dito, as Companhias Reunidas fornecerem todos os aparelhos de iluminação, aquecimento, força motriz, etc., quer para gaz quer para electricidade por preços minimos—**custo da fabrica**—e a prestações diminutas, montam tambem as respectivas installações na mesma forma de pagamento.

27, RUA DA BOA VISTA, 27— LISBOA



**José Gonçalves & C.<sup>a</sup>**

Madeiras nacionaes e estrangeiras e outros  
materiaes de construcção

ESCRITORIO

108, R. DOS DOURADORES, 118

DEPOSITOS: 17, RUA DO CAES DO TOJO, 21  
244, RUA 24 DE JULHO, 244

LISBOA

**Gonçalves Junior & C.<sup>a</sup> (Irmão)**

Fabrica de serração e aparelho de madeira  
em todos os generos

Ultimos aperfeiçoamentos. Rapidez  
e execução perfeita

PREÇOS RESUMIDOS

61, RUA DO CAES DO TOJO, 63

LISBOA

**JOSE D'ARAÚJO PEREIRA**  
CHRONOMETRO  
**ZENITH**

REPRESENTANTE E UNICO DEPO.  
SITARIO EM PORTUGAL E  
COLONIAS DAS MARCAS.

"BILLODES" e "TAVANNES"

DEPOSITO - R. GARRETT, N.º 109, 2.º REPRESENTANTE NO PORTO - JOSÉ MARIA DE  
SOUZA R. DAS FLÓRES, N.º 89, 1.º



**LA UNION  
Y EL FENIX ESPAÑOL**

CAPITAL SOCIAL 2.400.000\$000 RÉIS

Seguros contra incendio, explosão de gaz  
ou raio, etc.

**EQUATEUR-ATLANTIQUE  
& UNION MARITIME**

Companhias francezas de seguros  
contra os riscos maritimos e os riscos de trans-  
porte de qualquer natureza

A Companhia  
La Union y El Fenix Español

effectua seguros sobre a vida,  
mediante varias condições, inclusive  
o seguro denominado

**POPULAR**

para o qual não é necessario certificado medico

DIRECTORES EM PORTUGAL

**LIMA MAYER & C.<sup>a</sup>**

Agentes dos Comitês dos seguradores de Paris,  
Anvers, Havre e do Lloyd austriaco

Representante dos seguradores  
austro-hungaros, etc.

Rua da Prata, 59, 1.º - LISBOA

**J. M. Fernandes Guimarães & C.<sup>a</sup>**

BANQUEIROS

Telephone n.º 131 - Endereço telegraphico GUMAR

116, RUA DO ALMADA, 120 - 8, TRAVESSA  
DE D. PEDRO, 14

Effectuam todas as operações bancarias - Correspondentes  
em todas as terras do paiz e do estrangeiro.

Banqueiros das Companhias de Seguros de Vidas

**URBAINE e GARANTIA DA AMAZONIA**

Agentes da Companhia de Seguros TAGUS.

Secção de mercadorias, commissões e consi-  
gnações - PORTO

**PAULINO FERREIRA**

ENCADERNADOR - DOURADOR

82 - RUA NOVA DA TRINDADE - 82

OFFICINAS MOVIDAS A VAPOR  
TRABALHOS SIMPLES E DE LUXO

Telephone n.º 1495

# O PRESEPIO DA MADRE DE DEUS



Os fragmentos do famoso presepio da Madre de Deus, dispersos n'uma saleta do ante-côro do celebre mosteiro de Xabregas, constituem, apsar de mutilados, um curioso resumo da maneira, das tendencias e d'as varias correntes de inspiração artistica dos nossos coroplastas do seculo XVIII.

O canteiro medieval traduziu em pedra, entre a folhagem dos capiteis, nas gargulas, na archivolta dos portaes e no arranque das nervuras de aboboda, as variantes do seu sybolismo religioso, do seu ingenho naturalismo e o esgare irreverente da sua veia satyrica; historiou d'est'arte um devocionario plastico, o espelho fiel da mystica, agiologio pittoresco e communicativo onde por vezes desabrocha como flôr exotica a phantasia macabra da bestiaia.

A este christianismo sorridente, expresso em imagens vestidas de candura e pureza, que ir-



\*\*\*\*\*

*O Menino Jesus*

\*\*\*\*\*

*Um grupo flamengo*

\*\*\*\*\*

*Cortejo dos reis Magos*



rompiam cheias de idealismo do côro dos alvaneis cantando e esculpindo em volta das cathedraes, contrapõe-se no seculo XVIII uma religião de pompa vasada em fórmulas sumptuosas, ritual de satrapas em que rumorejam sedas e brocados, da qual surge uma arte cerimoniaosa que se requinta em spasmos mysticos, se encurva em gestos cortezãos, e cuja polychromia estoirosa como uma granaada de luz. Mas o canteiro medieval manteve-se resistente através da arte pomposa, refugiado na officina do santo humilde, e é assim que a essa arte convencional e rica, erudita e devota, se contrapõe a imaginaria popula que se acolhe no

segundo plano dos presepios familiares, dando a feição pittoresca dos costumes, mettendo as scenas do nascimento do Christo por entre os episodios das nossas aldeias, collocando as personagens do Evangelho entre os descantes das romarias ou no meio repousante das nossas festas familiares. O brilho do Oriente convencional, roçante de sedas, resplandecente de ouros, de turbantes cravejados, de plumas oscillantes, modelado pelos esculptores culteranistas da escola italiana, mistura-se com a graça rustica das scenas arrabaldinas, dando assim a feição erudita e a feição popular, a corrente academica e a corrente da officina.

Nos restos do presepio da Madre de Deus manifesta-se a dupla influencia das escolas que n'esse tempo inspiraram os nossos barristas, a corrente italiana, pomposa e heraldica, ultimo rebento da sumptuosidade asiatica das esco-



las alexandrinas, e a flamenga, naturalista e satyrica, accentuando o caracter com ressaibo de caricatura, mais espontanea nos gestos, que a outra requinta em curvas de estylisação. Aos mais bellos fragmentos, que são de Antonio Ferreira, juntam-se barros de proveniencias diversas, alguns de incontestavel origem nordica, outros de ignoraos artistas nacionaes, mas de mediocre valor artistico.

Devemos destacar, como mais bellos de factura, todos os que constituem os êlos



*Zagal em adoração*

\*\*\*

*A Virgem*

\*\*\*

*Rei Mago*

partidos do cortejo dos reis Magos, soberbas figuras cujas roupagens se enfunam como velas de galeões, de couraça e elmo, n'um mixto de principes orientaes e de legionarios romanos.

Os cavallos arrastam gualdrapas verdes ou escarlates, enriquecidas de franjas e de borlas de ouro, e os moços que os levam á redea, soldados de phantasia das cohortes syriacas, avançam em movimentos theatraes, com geitos de cabeça cheios de elegan-



cia languida como se demoradamente tivessem sido ensaiados para um auto religioso da real camara. Alternando com estes fragmentos movimentados n'uma agitação quasi colerica, veem os trechos de repouso, o silencio campestre em que labutam as gentes pacificas, os zagaes adornados em posições academicas, que bruscamente acordam deslumbrados e contemplam a estrella rutilante para a qual aponta um anjo de vestes floccosas que envolvem com suas volutas de gaze o esquinhal de um portico em ruinas. Por detraz, branquejam cordeiros pacificos nos quaes parece perpassar o mesmo fremito de revelação, *porque o teve a terra e todos os viventes esperavam...*

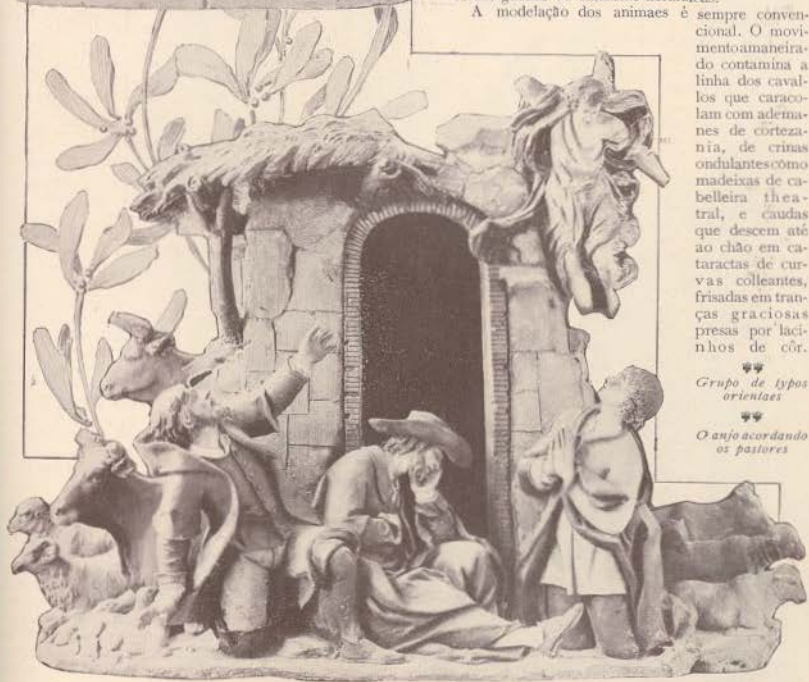
Este anejo de gestos e de faces para as alturas transmite-se a toda a fila do cortejo, n'uma como que attenta perplexidade, nimba a cabeça erguida dos cavalleiros que sopeiam a impaciencia das montadas, o sorriso dos pastores que se curvam sob o peso dos anhos, e a face tateante do mendigo da sanfona, artisticamente remendado, que arrasta as botifarras de almocreve pelos torrões reivosos do caminho.

A architectura, como o resto, é mais um accidente decorativo do que um elemento historico, pois dos seus portaes de estylo barroco, do fundo escuro dos seus arcos brazonados, com frontões assentes em columnas corinthias, irrompem n'um tropel os bandos de judeus classicos dos autos e das comedias, na mesma raivosa agitação de panejamentos, com escudos *rocaille*, onde se escancaram guellas de chimeras heraldicas.

A modelação dos animaes é sempre convencional. O movimento amaneirado contamina a linha dos cavallos que caracolum com ademanos de cortezania, de crinas ondulantes como madeixas de cabelleira theatral, e caudas que descem até ao chão em caraculas de curvas colleantes, frisadas em tranças graciosas presas por lacinhos de cõr.

♦♦  
Grupo de typos orientaes

♦♦  
O anjo acordando os pastores





Cavalleiros seguindo a estrella

♦♦♦  
Degolação dos innocentes♦♦♦  
Zagal em adoração

Dir-se-hia que o cavallo de D. José é o pae-nobre da fauna hippica dos presepios, no arranjo, na marcha, nas proporções.

Os animaes exóticos são sempre ingenuamente grotescos. Ha elephants com face humana e camellos que alongam sobre a turba pescocços de saurianos com a multiplicidade ondulante e lendaria da bicha de sete cabeças. E' que a marcha de pachyderme do elephant, os desgraçados contorno do camello, para chegarem a dar á retina do artista a noção d'aquillo que ha de profundamente pittoresco em todo o ser vivo dotado de movimento, precisam de incidir frequentemente na visão attenta ou despreocupada do observador, para ali, por longa elaboração, crearem a linha intrinseca, iamós dizer abstracta, que caracteriza a realisação esthetica das formas naturaes. Os nossos barristas sentem, dando-lhes contornos quer naturalistas quer estylisados, os animaes que dia a dia recaem sob a sua observação directa, com seus pormenores anatomicos, com suas particularidades de movimento: nos presepios, imprimem altivez, quasi vaidade de raça nobre ao empinar soberbo dos cavallos que arrastam os ricos xaixreis de brocado de ouro; ternura ao trotar esperto do burro laborioso, que sobe para uma azenha carregado de saccos de farinha; resignação ao cordeiro da offeria que o pastor depõe no limiar da creche rustica.

Das figuras

centraes ha algumas encata doras, sobresaindo a do Menino Jesus, de sabida modelação, e terno na sua nudez infantil, deitado sobre um panno de admiravel factura, que mancha de branco um leito de tóros rusticos, entre achas dispersas como num

recanto de lareira aldeã. A figura da Virgem como que se some, num encolhido geito de resignação, dentro das ricas pregas de um constellado manto de rainha.

Uma machineta de presepio era uma vitrine de colleccionador, e se n'ó tivessem sido desmantelados pela avidéz dispersiva dos commerciantes, podiam n'esses lindos barros estudar-se, segundo as origens certas, as varias correntes de modelação e estylisação, nas diferentes officinas que havia em algumas ruas de Lisboa.

Antonio Ferreira, Machado de Castro, Barros Laborão, Assis, educados segundo as formulas da escola de Mafra, eram os representantes

do italianismo entre nós, e o espirito das suas composições deriva da mesma e identica concepção decorativa que teve o seu mais dogmatico e feroz propagandista na pessoa do cavalleiro Bernini. O maneirismo elegante é o mesmo sem distincção de cathogorias ou classes, e assim vemos o legionario arrogante e o zagal humilde tirarem o turbante rico ou o remendado barrrete com o mesmo gesto precioso de galanteria cortezã. Mas o barrista popular, o santeiro das reconditas officinas lisboetas, retemperando a inspira-

ção no inextinguível fundo de vida popular, seguiu a corrente flamenga, mais concordante com o seu genio e com a modalidade da sua commoção, arrancado as figuras do convencionalismo academico para as fecundar no banho lustral da vida rural ou da vida urbana, dos episodios da rua ou das recatadas scenas da existencia familiar. Foi dest'arte que nos presepiões começou a entrar uma corrente de *folk-lore* regional de envolta com a historia sacra, a matança do porco acovelando a degolação dos innocentes, as altaz junto da fonte que gotteja á beira do caminho onde se descedentam récuas de machos, e os namoros



randó no resplendor das glorias, e a Virgem de face pura recortada n'um oval impecavel e meigo; outros onde se sente a copia do natural, typos das ruas accidentados por deformações individuaes, que o barrista accentua com vigoroso cunho iconographico, e em que o seu humorismo resalta por vezes em notas imprevisitas. E' que o respeito pelas figuras divinas obriga-o a total-as com devoto carinho, e a familiaridade com os seus parceiros na vida episdica leva-o a fixar-lhes o que elles teem de localmente typico.

Para se fazer o estudo systematico das industrias do barro, no que se refere á plastica das figurinhas, era preciso reunir-se uma vasta copia de elementos, hoje demasiado dispersos para se poder fixar a sua fonte originaria e a linha de arte a que obedeceram. No emtanto, pode dizer-se que, assim como na arte grega, a grande estatuaria foi copiada pelos ceramistas que simultaneamente modelaram os typos, os trajos, os adornos, toda a indumentaria da epoca, assim brilhou nos barristas portuguezes, ao lado da composição pomposa e sabia dos grandes esculptores, a dos santeiros populares, que deram ás suas figuras a feição terna ou satyrica, meiga ou folgazã, creando uma arte para os humildes e uma fonte de alegria para os pobres.

(CLICHÊS DE BENOLIEL)

JOÃO BARREIRA.

*Cavallo do cortejo*\*\*\*  
*O rei preto*\*\*\*  
*A fuga para o Egypto*

citadinos junto do chafariz, entre camponezas á Watteau e alfenins em disfarce de boleceiros.

Como um presepio, quando integralmente concebido por um esculptor, era um quadro com distribuição de planos mais ou menos em harmonia com as leis da perspectiva, as dimensões das figuras iam decrescendo até á linha do horizonte, chegando por vezes a grupos minusculos, que mesmo assim eram tocados com a mimiciosa observação das figuras capitaes. Entrando-se no pormenor da modelação particular a cada uma d'ellas, pôde dizer-se que ha duas ordens de typos, uns que podem considerar-se genericos, as figuras sacras e as historicas, consagradas pelo estylo dos grandes periodos de arte, pela imagem de altar, pelo quadro, pela gravura, e que são em geral os reis magos, de barbas venerandas e grão em geral os reis magos, de barbas venerandas e grão perfis de medalhão, os anjos de belleza androgynia pai-



UMA POESIA INEDITA

DE

Anthero de Quental

AO SR.

Alexandre Herculano

AO PHILOSOPHO-HOMEM DE BEM  
RESPEITO.

AO SABIO - AO POETA

ADHESÃO E AMIZADE



UANDO A MÃO QUE OBEDECE AO IMPULSO

DUM AFFECTO; PROCURA OUTRA MÃO

E EM SILÊNCIO ELOQUENTE SE APERTAM:

E QUE EM TROCA OUTRO AFFECTO RESPONDE...

E QUE AS ALMAS LÁ TEM SEU QUINHÃO!





Quando me foge o mundo, se o abraço  
 É só abraço o ar... quando respiro  
 A custo, eu que julgava o espaço pouco  
 A fartar-me n'esta ancia... quando busco  
 —Estranho peregrino— pelo mundo  
 O que só hei sonhado e nunca visto...  
 Deixo pender os braços de cansado,  
 Sustenho em mim o arquejar do peito,  
 E, farto de marchar, cahindo em terra,  
 Poso a fronte na lousa dos finados  
 E lembro-me de ti, Senhor! lembrando-os.

A morte é laço mystico: aproxima  
 Este mundo de dôr de melhor mundo:  
 A triste região onde perdidos  
 Vamos, d'aquella região estranha,  
 Cujo mappa anda n'alma debuxado;  
 Esta via de dôr, aspera, ingrata,  
 D'essa estrada real do grande reino;  
 Esta gota sem brilho d'agoa turva,  
 D'aquelle grande mar, onde se lave.

Se entre as ribas d'estranhos continentes  
 E' ponte—aqui assente sobre um tumulo  
 E lá em não sei que estrella, ou sol, ou mundo—  
 Não será dado a quem procura os tumulos,  
 Por que o frio do marmore lhe mitigue  
 A febre que lhe queima a fronte e o peito,  
 Cruzar tambem em idéa o arco immenso  
 E vêr, com olhos d'alma, a opposta riba?

Oh, sim! que sob a lapide não dormem  
 Os fortes que ham lidado! Acaso pensas  
 Que—mumias sempiternas—ficariam,  
 Cruzando os braços sobre o peito, immoveis,  
 Ali fechados entre duas pedras,  
 Como o crystal fechado no granito?

# AS CAMPAS

E eu pude, enfim, chorar!  
 A. H.



II

Crysalidas nocturnas, pela noute  
Lá partiram o involucro, lá correm  
Já d'arco em arco, já d'estrella em estrella,  
Na grande ponte que atravessa o espaço!

E eu posso-os vêr d'aqui: se esta alma é livre,  
Se Deus me ha dado mente e phantasia,  
E' só porque procure estes mysterios  
E busque a vida na mansão da morte.

Quem sobre as lousas se assentar chorando  
Ha-de sentir a voz de Deus erguer-se  
Sobre o campo da morte, e a mão paterna  
Ha-de pousar-lhe sobre a fronte ardente;

E a esperança d'um porvir, que alente a vida  
N'este presente incerto, hade descer-lhe,  
Ha-de pousar-lhe n'alma, como o orvalho  
Do céu desce e pousou na cruz do ermo;

E a fé, bem como flôr medrada a custo  
Junto ao pé d'essa cruz, sentindo o orvalho  
Ha-de alegrar-se e reviver formosa,  
Ha-de abrir-se voltando ao céu o calys:

E a alma ha-de exultar—«Oh, creio! creio!  
«Luz de mundo melhor! ante esta esp'rança  
«O que vale o sofrer, se em ti espero,  
«Oh Deus! oh Deus! Senhor da vida e morte?»—

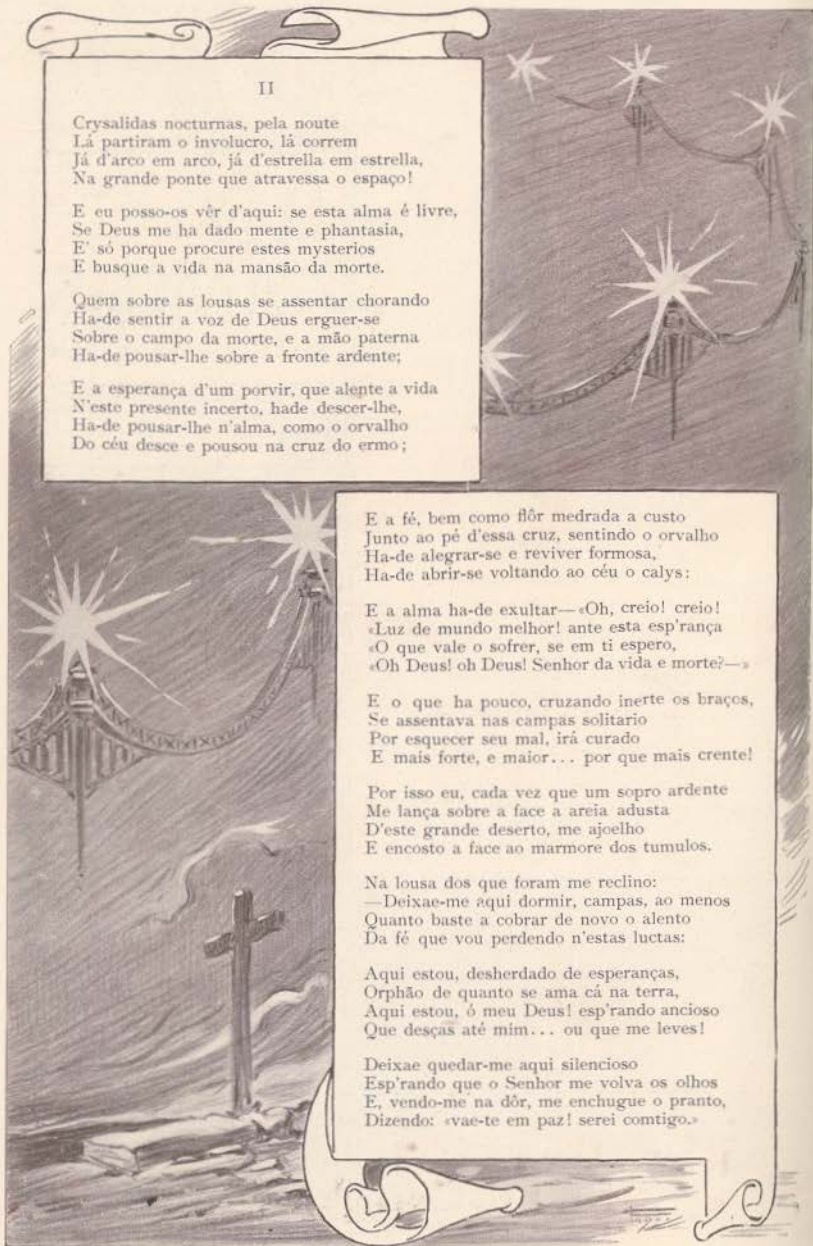
E o que ha pouco, cruzando inerte os braços,  
Se assentava nas campas solitario  
Por esquecer seu mal, irá curado  
E mais forte, e maior... por que mais crente!

Por isso eu, cada vez que um sopro ardente  
Me lança sobre a face a areia adusta  
D'este grande deserto, me ajoelho  
E encosto a face ao marmore dos tumulos.

Na lousa dos que foram me reclino:  
—Deixae-me aqui dormir, campas, ao menos  
Quanto baste a cobrar de novo o alento  
Da fé que vou perdendo n'estas luctas:

Aqui estou, desherdado de esperanças,  
Orphão de quanto se ama cá na terra,  
Aqui estou, ó meu Deus! esp'rando ansioso  
Que desças até mim... ou que me leves!

Deixae quedar-me aqui silencioso  
Esp'rando que o Senhor me volva os olhos  
E, vendo-me na dôr, me enchugue o pranto,  
Dizendo: «vae-te em paz! serei contigo.»



Oh, corruptos do mundo! aqui nas lousas  
 Assentae-vos tambem as santas horas  
 Em que a vaidade das paixões se esquece,  
 Em que fala a verdade!  
 Porque o pó dos que foram já não mente,  
 Nem adulam espectros vãos orgulhos,  
 Nem as larvas resurgem do seu leito  
 A beijar-vos as mãos, grandes do mundo!

Grandes na corrupção! que a chaga horrenda  
 De crimes e impiedade andaes cobrindo  
 Com as dobras do manto vergonhoso  
 D'estolida vaidade...  
 Cahiram-vos os véus! e nós ante Elle,  
 E a vez primeira nós ante vós mesmos,  
 Olhando-vos, de horror o olhar fecháreis  
 E pedireis á Deus remedio e cura.

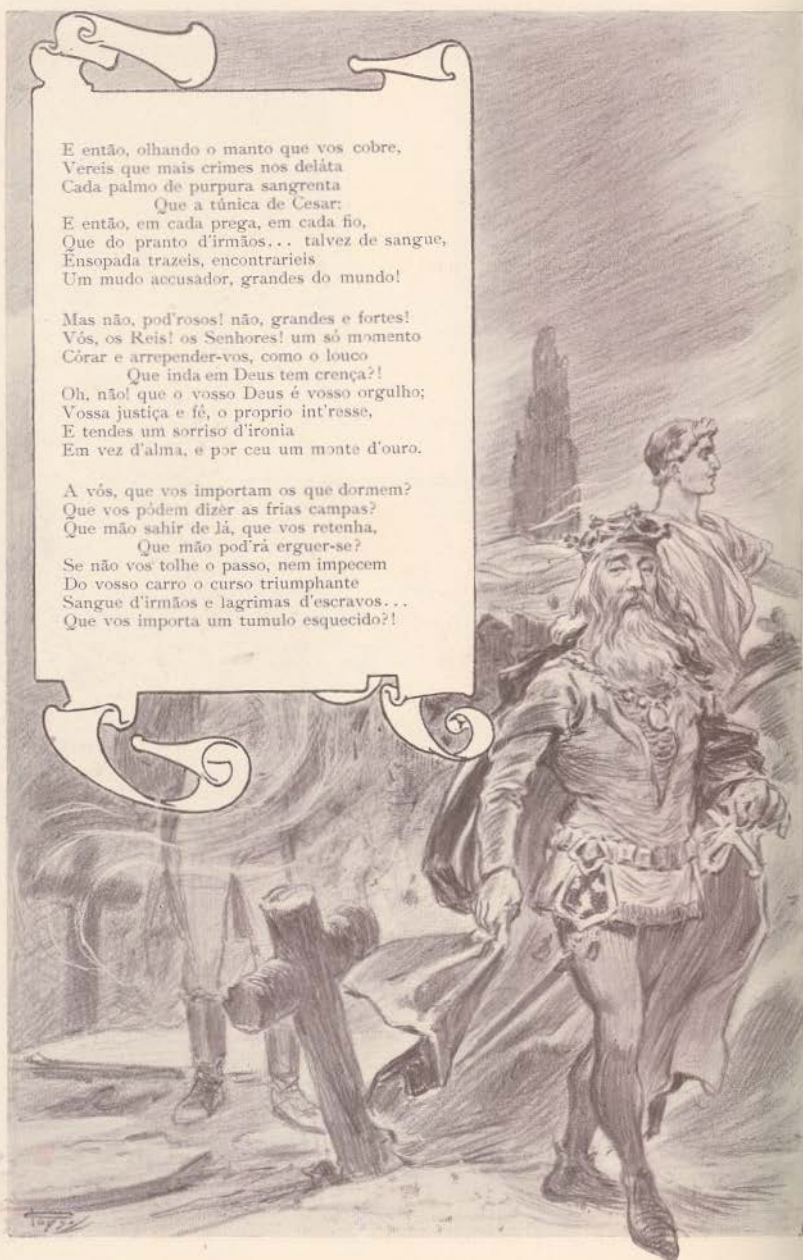
Vós, que esquecendo o ceu, pisaes a terra  
 Não como patria onde o dever se cumpria,  
 Mas como escrava que saciar-vos deve  
 De não sei que vil gôso...  
 Olhando o ceu—talvez a vez primeira—  
 Lembráreis que ha em vós uma alma eterna,  
 —Uma alma!—não uma hostia que se immole  
 Nas aras do egoismo e da impiedade.



E então, olhando o manto que vos cobre,  
Vereis que mais crimes nos delata  
Cada palmo de purpura sangrenta  
Que a túnica de Cesar;  
E então, em cada prega, em cada fio,  
Que do pranto d'irmãos... talvez de sangue,  
Ensopada trazeis, encontraríeis  
Um mudo accusador, grandes do mundo!

Mas não, pod'rosos! não, grandes e fortes!  
Vós, os Reis! os Senhores! um só momento  
Côrar e arrepende-vos, como o louco  
Que inda em Deus tem crença?!  
Oh, não! que o vosso Deus é vosso orgulho;  
Vossa justiça e fé, o proprio int'resse,  
E tendes um sorriso d'ironia  
Em vez d'alma, e por ceu um monte d'ouro.

A vós, que vos importam os que dormem?  
Que vos pôdem dizer as frias campas?  
Que mão sahir de lá, que vos retenha,  
Que mão pod'rá erguer-se?  
Se não vos tolhe o passo, nem impecem  
Do vosso carro o curso triumphante  
Sangue d'irmãos e lagrimas d'escravos...  
Que vos importa um tumulo esquecido?!



## IV

E comtudo, ó cidade, onde estes vermes  
 —Tão pequenos no bem, quanto gigantes  
 Pelo orgulho do mal—enxameando  
 Se revolvem no lodo e em vão se agitam  
 Na podridão infecta d'estes tempos  
 Disputando-se um atomo corrupto  
 D'este corpo corrupto—a sociedade—  
 Como sobre um cadaver aos cardumes  
 Milhões de vermes enxameiam avidos . .  
 O' cidade! ó cidade, aonde uns folgam,  
 A' custa de milhar's que o pão mendigam  
 Sob os brilhantes porticos dos paços;  
 Onde o irmão d'outro irmão os prantos bebe,  
 E em troca do suór lhe dá desprezos;  
 Onde a lei do Senhor é ultrajada,  
 Não já com risos, com feroz insulto,  
 Mas peor, com mentido acatamento. . .  
 E onde as folhas do livro da lei santa  
 Rasga o levita sem pudor nem crença. . .  
 E comtudo, ó cidade, sobre a encosta,  
 Não mui longe, onde alveja a cruz das lousas,  
 Do ceu goteja o orvalho e a paz do ermo  
 Mítiga a febre das paixões do mundo  
 Ao que a paixão turbou, emquanto ao longe  
 A flecha do cipreste,—única torre  
 Da cathedral da morte—aponta o alto  
 Onde eguaes, ante Deus, é rico e pobre,  
 E indiff'rente co' a sombra esguia e funebre  
 Roça a campa do grande e do mendigo,  
 De pobre e rico, eguaes no ultimo termo!  
 E comtudo, ó cidade, a voz do Eterno  
 Inda se escuta na mansão dos mortos,  
 Bradando aos homens paz e crença e esp'rança;  
 E a bandeira do Christo, o pendão Santo,  
 Ainda lá se hastea sobre os tumulos,  
 E a sombra que projecta pela noite  
 Escreve sobre o campo mortuario  
 A divisa do ceu—irmão, amai-vos!—

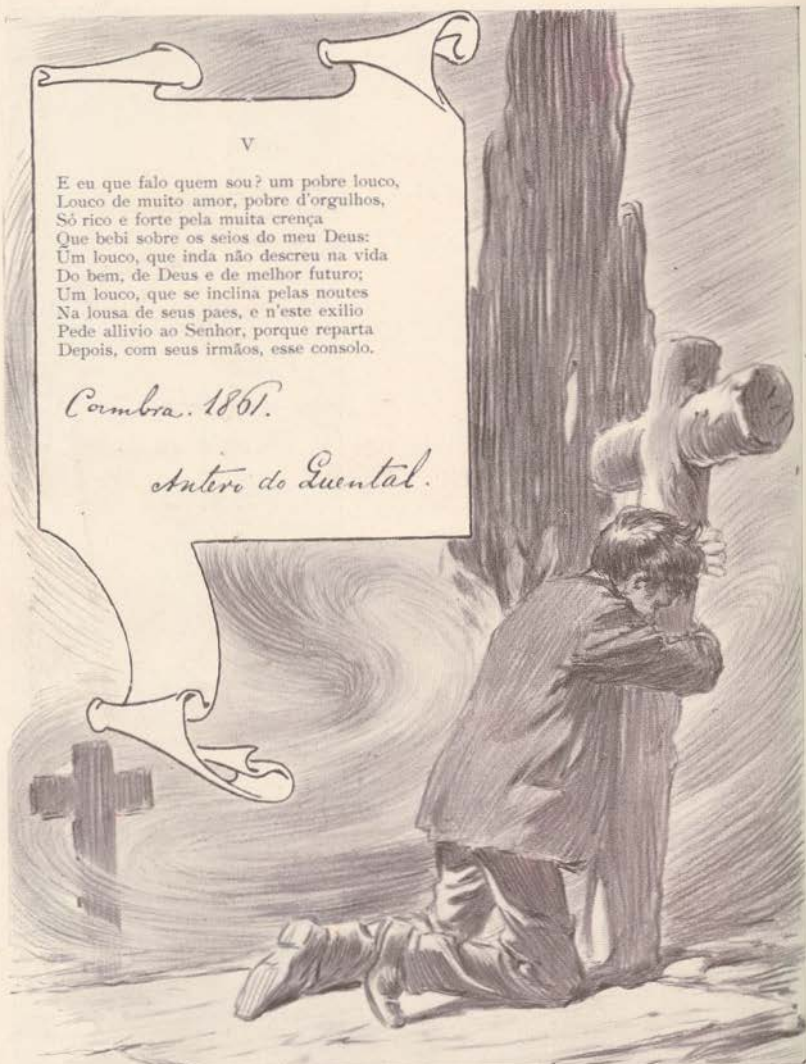


V

E eu que falo quem sou? um pobre louco,  
Louco de muito amor, pobre d'orgulhos,  
Só rico e forte pela muita crença  
Que bebi sobre os seios do meu Deus:  
Um louco, que inda não descreu na vida  
Do bem, de Deus e de melhor futuro;  
Um louco, que se inclina pelas noutes  
Na lousa de seus paes, e n'este exilio  
Pede allivio ao Senhor, porque reparta  
Depois, com seus irmãos, esse consolo.

*Cimbra. 1861.*

*Anthero de Quental.*



NOTA. — A poesia de Anthero de Quental, que hoje publicamos, conservava-se inédita, não tendo sido jamais impressa em vida do poeta, nem incluída nas colleções posthumas colligidas pelos srz. Theophilo Braga e Rodrigo Velloso. Servimo-nos para a copia, que reproduzimos com a mais absoluta fidelidade, do proprio manuscrito original enviado a Alexandre Herculano por Anthero, que o escreveu em cinco quartos de papel de carta da epoca. Este autographo precioso, cuja assignatura e data apresentamos em fac-simile, pertence actualmente ao disvelado bibliophilo sr. Martinho da Fonseca.



# A MENTIRA

## EPISODIO DRAMATICO

• POR •

**- MARCELLINO - MESQUITA -**  
QUE BREVEMENTE SUBIRÁ Á SCENA NO THEATRO D. AMELIA  
PERSONAGENS

- |   |                     |
|---|---------------------|
| Manuel— <i>Quarenta annos</i> .....                 | Actor Azevedo       |
| Helena— <i>Vinte e cinco annos, historica</i> ..... | Actriz Maria Falcão |
| Monsenhor Avellar— <i>Sessenta annos</i> .....      | Actor Pinheiro      |
| Um creado— <i>Uma creada</i> .....                  | N. N.               |

(Uma saleta elegante. Sobre uma meza um serviço de café.  
Um jarro com agua, copos.)



Helena: *Que alivio de momentos! Endoideço!*



Manuel, sentado á meza, accende um charuto dispondo-se a lêr. Helena entra trazendo um chapéu, uma bengala, luvas.

HELENA — Aqui tens.

MANUEL — Para quê?

HELENA — Não disseste que ias sair?

MANUEL — Ah! sim, disse; mas... ia ler.

HELENA — E' melhor saires um pouco. Distraes-te... vae.

MANUEL (*levanta-se e pega nos objectos*) — Parece que desejas que eu saia.

HELENA — Que idéa! Fica, se queres; mas depois do jantar... é o teu costume... é melhor dares um passeio.

MANUEL (*com intenção*) — Achas?

HELENA (*agita-se, nervosamente*) — Certamente.

MANUEL — Seja; não me demoro... o tempo de comprar uns charutos. Volto já. Não haverá novidade.

HELENA — Oh! não; espero em Deus!

MANUEL (*reparando na agitação nervosa da mulher*) — Mas... porque estás, assim, nervosa? Estranho-te.

HELENA — Queres que esteja tranquilla? Helena (*desconfada e rapidamente*) — Eu?!

MANUEL — Não digo tanto; mas não vejo motivo para uma excitação tão grande. Tem mão em ti; socega um pouco.

HELENA — A nossa filha está tão doente!

MANUEL — Ha de melhorar. Tens tu a culpa de ella estar assim?

HELENA (*desconfada; rapidamente*) — Eu?!

MANUEL — Podes, tu, cural-a?

HELENA — Ah! se eu o pudesse!

MANUEL — Se não tens a culpa, nem podes melhorar-a... é preciso teres paciencia... resignação.

HELENA — Não posso, não posso!

MANUEL — Eu volto já. Vae para ao pé d'ella, Adeus. (*Beija-a. Sae.*)

HELENA — Que allivio de momentos! Endoideço! Não podia disfarçar mais, não podia... não posso. O seu olhar! Como elle me olha! E' a suspeita que lhe passou pela cabeça! A suspeita? Deus! Que dias estes! que horas! que supplicio! (*Senta-se com a cabeça apertada entre as mãos*) Jesus, Jesus me valha!

(*Uns momentos de espera.*)

CREADA (*á porta*) — Minha senhora?

HELENA — O que é?

CREADA — E' talvez a hora de dar o remedio?

HELENA — Eu vou, eu vou já. (*A creada sae.*) O remedio... o remedio! (*Levanta-se. Entra o creado.*)

CREADO — Mon-senhor Avellar pergunta se v. ex.ª o pode receber.

HELENA — Sim; que entre. (*Entra monsenhor.*)

Agradeço-vos o terdes vindo tão depressa.

MONSENHOR — Estas perturbada... afflicta?

HELENA — Oh! muito.

MONSENHOR — Sei que a vossa filhinha está doente.

HELENA — Muito doente.

MONSENHOR — Grave?

HELENA — Muito grave.

MONSENHOR — Deus virá em seu auxilio. Acalmae-vos.

HELENA — Não posso, meu amigo, não posso. Eu quero salvar a minha filha... ella não tem culpa... (*com uma energia estranha*). Eu quero salvál-a!

MONSENHOR (*perplexo*) — Não confies no medico? Chamae outro. N'estes casos, nunca são de mais.

HELENA — Tem o de maior fama; mas não melhora, peora, peora sempre!

MONSENHOR — Não se lhe conhece o mal?

HELENA — Não sei... elle, talvez não. Eu... eu creio que conheço... que sei.

MONSENHOR — Vós?

HELENA — Ouvi. (*Desembaraça-o do chapéu.*) Sentaes-vos, aqui, ao pé de mim. (*Fal-o sentar.*) Preciso de falar-vos; da vossa opinião, do vosso conselho.

MONSENHOR — O que eu souber...

HELENA — Deveis saber... sois padre. (*Hesitante*). Confio no vosso segredo... isto é uma confidencia intima... uma confissão.

MONSENHOR — Eu ouço; dizei.

HELENA — Não sei como principiar.

MONSENHOR — Como quizerdes.

HELENA — Custa-me tanto.

MONSENHOR — Dizei, dizei.





Helena: — *Esse juramento... era falso!*

HELENA — Eu... um dia... ha pouco tempo... ensandeci... perdi a cabeça... Compreendeis?

MONSENHOR — Talvez.

HELENA — Um homem teve a habilidade... Não... Vi um homem... interessou-me. Porquê? Porquê?... interessou-me. Fiz-me a elevação, a engrandecel-o... Forjei, eu propria, para mim, um amor vil, uma sujeição degradante: — offereci-me! Era um amigo do Manuel, era um miseravel, aceitou!... O Manuel desconfiou, soube-o talvez? Não sei... Um dia, perguntou-me, serena, lealmente: é verdade? Neguei! Pediu-me que o jurasse pela vida de minha filha: Jurei!

MONSENHOR — Ah!

HELENA — Por coincidência?... acaso? desde então, a minha filha começou a não ter saude... a sentir-se adoecer, dia a dia, até que ha uma semana caiu na cama, onde a vejo morrer, hora a hora! Padre, é o meu crime que a mata! E' Deus que me castiga? O que hei-de, o que tenho a fazer?

MONSENHOR — Confessar. E' o que devéis ter feito.

HELENA — Meu marido ter-me-hia repudiado; é nobre, conheço-o.

MONSENHOR — Não, senhora; se é nobre ter-vos-hia perdoado. O perjurio é que talvez vos não perdõe.

HELENA — Mas... o perdão de Deus?

MONSENHOR — Alcança-se pelo arrependimento e pelo sacrificio.

HELENA — Devo dizer-lh'o, então? E' horrivel!

MONSENHOR — E' a penitencia. *(Ouve-se tocar a campainha da escada).*  
HELENA — E', talvez, elle. *(Levantasse).*

MONSENHOR — Se é, não percaes o momento. Daes-me licença que visite a vossa filha? Não ha inconveniente?

HELENA — Com a melhor vontade. Vinde. *(Saem. Manuel entra).*

MANUEL *(ao creado, a quem dá chapéu e bengala)* Não houve novidade?

CREADO — Nenhuma.

MANUEL — Não veio ninguém?

CREADO — Monsenhor Avellar.

MANUEL — Onde está? Lá dentro?

CREADO — Naturalmente. *(Soe, pausa).*

HELENA *(entraudo)* — Demoraste-te pouco.

MANUEL — Não posso estar fóra. Como está a pequenita, peor?

HELENA — Não.

MANUEL — Melhor?

HELENA — Na mesma. Monsenhor Avellar...

MANUEL — Já sei. E... está só? *(Dirige-se a porta).*

HELENA — *(Detendo-se)* Manuel?

MANUEL — Hein?

HELENA — Vaes ao quarto?

MANUEL — Então, onde? não vês?

HELENA — Não podes ir já.

MANUEL — Porquê?

HELENA — Estás a fumar... o fumo pode fazer-lhe mal.

MANUEL — Tens razão. Esquecia-me... mas o remedio é facil *(atira com o charuto para o fogão)*. Era isto?

HELENA — Era... sim...

MANUEL — Vens? *(Dirige-se para a porta).*



Monsenhor: — *Confessar. E' o que devéis ter feito!*

HELENA—Vou... mas... Manuel?

MANUEL—O que é? HELENA—Espera um pouco... *(n'um grande esforço para falar)* preciso... *(empallidece, senta-se)*.

MANUEL—Que tens tu?

HELENA—Não sei; não estou bem. Dá-me um golo de água.

MANUEL *(dando-lhe água)*—Não admira: não socegas, não descansas. Estás melhor?

HELENA—Estou bem. Obrigada.

MANUEL—E' melhor descansares, ali, um pouco, no sophá, enquanto eu faço companhia a monsenhor. Eu ajudo-te.

HELENA *(dominando-se)*—Não, não; estou bem, já. *(Levanta-se)*.

MANUEL—Não estás ainda bem. Recosta-te um pouco... eu vou...

HELENA—Estou bem, bem... *(passa as mãos pelo rosto; anima-se)*... estou perfeitamente.

MANUEL—Vamos, então.

HELENA—Vamos. *(Vão a caminhar. N'um ultimo esforço, diz:)* Manuel... demoraste-te pouco. Admira não teres encontrado alguém conhecido... conversado um bocado...

MANUEL—Pois encontrei... mas falámos pouco.

HELENA—Quem?

MANUEL—O medico.

HELENA—Que disse elle?

MANUEL—Achei-o preocupado com a doença... com o estado da nossa filha.

HELENA—Ah! sim?

MANUEL—Muito. Não sabe explicar esta febre, teimosa, continua, que não cede a medicamentos, cuja origem, clara, se não vê.

HELENA—Ah!

MANUEL—Até disse: parece uma causa estranha, mysteriosa...

HELENA *(impulsivamente)*—E é verdade!

MANUEL—Verdade, o quê?

HELENA—Viu bem o medico. E' uma causa estranha... sei-a eu... conheço-a!

MANUEL—Tu?

HELENA—Eu mesma. Sou eu que mato a minha filha. Não morrerá: vou salva-la. E' horrivel; mas é preciso dizel-o. Ouve... mas tu vaes perdoar-me o que eu te disser pelo meu amor, pelo amor d'ella, por tudo o que tenho soffrido, por quanto soffro, agora, horrivelmente! Dize-me que me perdões.



MANUEL—*(Fria-mente)* O quê?

HELENA—O que fiz... Foi uma villainia, uma acção má, uma cobardia... mas não tive coragem, não tive a lealdade de a confessar... Como podia eu confessar actos, cuja lembrança me repugnava, que me envergonhavam, me envenenavam a mim mesma, perante a minha consciencia?! Como podia esperar o teu perdão?! Tremi pelo futuro... tive me-

do... neguei... menti! Lembra-te?

MANUEL *(lugubre)*—De quê?

HELENA—N'aquelle dia em que suspeitaste de mim... em que sabias... talvez... em que me perguntaste... o que tu sabes, e, por mais fê, me pediste o juramento, pela vida de nossa filha, eu jurei... eu fiz o juramento!... *(com um arranco)* esse juramento... era falso!

MANUEL—Calate!

*(Ficam-se, os dois, pasmados)*.

MANUEL—Sabia-o! Acabas de quebrar o laço que nos prendia na vida! Esse juramento era o penhor da tua felicidade e da minha ignorancia. Desfitei elle, annullado como falsa razão, fica a mentira cynica, imperdoavel. Uma mulher honesta pode pecar; mentir, nunca! Se o fez é que o não é. Tu o quizeste! Adeus!

HELENA—Perdõa-me!

MANUEL—Não posso.

HELENA—O teu egoismo, o teu orgulho é maior do que o teu amor de pai!

MANUEL—Será.

HELENA—Que mais queres? Humilhei-me, rojei-me, fiz quanto uma mulher pode fazer... Vae-te! Vae. Ficar-me-ha a minha filha. Está salva!

MONSENHOR *(à porta)*—Está morta!

*(Helena dá um grito: tenta correr e cae n'uma cadeira, sem sentidos. O marido entra para o quarto, enquanto monsenhor se aproxima de Helena)*.

HELENA *(n'um abatimento fúido)*—Padre, perdi tudo!

MONSENHOR—Vinde, vinde beijal-a... chorar... gritar... *(levantando-a, carinhoso)*.

HELENA—Que horror! eramos tão felizes!

MONSENHOR *(conduzindo-a)*—Senhora, n'este mundo de lagrimas, os unicos felizes são, talvez... os mortos. *(Vão saindo)*.

MARCELLINO MESQUITA.

(CLICHÉS DA PHOT. VASQUES)

Monsenhor:— *N'este mundo de lagrimas os unicos felizes são, talvez... os mortos!*

# A BORDADEIRA



**V**ou para a missa do gallo.  
A noite está muito feia,  
Muito fria, mas deixat-o;  
Em casa, depois, a ceia  
Sabe bem que é um regalo.

Vou nos ranchos a cantar  
Em louvor do Deus Mexino  
Que nos espera no altar;  
Eu bem sei que desafino  
Mas Elle ha-de perdoar.

Conforme os outros feis  
Tambem levo aqui uns cobres,  
Moedas de cinco réis;  
E' um gaudio para os pobres  
E sempre vem nos papéis.

Eu cá de missas é esta  
A que vou, unicamente:  
Coisa de egreja sem festa,  
Orgão, luzes, muita gente,  
Deixem falar que não presta.

Só aquella confusão  
Que ha na pia de agua benta!  
Toca a gente em linda mão  
O calor que experimenta  
Dos dedos ao coração!

Quem é mal intencionado  
Suppõe que Nosso Senhor  
Vê n'isso grande peccado:  
Pois não o deve suppor,  
Não tem Elle outro cuidado!

Ao contrario; como prova,  
Quando a dona da mãozinha  
E' galante, quando é nova,  
Parece até que apadrinha,  
Tem um ar de quem approva...



Outra coisa d'esta vez  
Me provoca sympathia  
Mais do que tudo, talvez;  
E' o presépio, por via  
De conhecer quem o fez.

Quem fez aquella cascata,  
Aquella especie de girassol,  
Aquella especie de maratã,  
Vegetaes, com seda em franja,  
Agua, com fios de pirata.

*Foi uma pobre menina  
Que vive de bordadeira  
E a quem, diz a medicina,  
A doença traiçoçira  
A pouco e pouco assassina.*

*Com o gaúcho dos bordados  
Sustenta a mãe que é céquinha,  
Dá-lhe pão, dá-lhe cuidados,  
E pensar eu, coitadinha,  
Que tem os dias contados!*

*E d'ahi como a candura  
Tem no seu tanto prestígio,  
Quem sabe se por ventura  
Não fará Deus um prodígio,  
Quem sabe se não a cura?*

*Pois olhem que merecia  
Longa existencia sorrindo,  
Que nunca a Virgem Maria  
Viu um presépio mais lindo,  
Mais cheio de phantasia.*

*Quem deita em palhas tão bem  
Uma creança pequena,  
Com o gesto que ella tem,  
Faz pena, Senhor, faz pena  
Que nunca chegue a ser mãe!*

*A bordadeira já deve  
Ir caminho da capella  
Com o seu passinho leve;  
Está um frio que gelo...  
Não lhe faça mal a neve...*

*Vou fazer a missa, Deus queira  
Que de esta vez a miósinha  
De rapariga solteira  
Que eu encontre ao pé da minha  
Seja a mão da bordadeira!*

ACECCIO DE PAIVA.



# GRAVES TUMULTOS

## N'UMA ROSEIRA BRAVA..



TODAS as manhãs quando o sol começava a dourar as folhas mais altas dos magestosos platanos da estrada real, o rebanho punha-se em marcha. A's vezes, eu vinha vê-lo partir. O céu ainda tinha aquella côr desmaiada e difusa d'um lílax muito fraco, muito tenue, e os montes embuçavam-se na frescura baça da nevoa que, pouco a pouco, se esgaçava e esfarrapava mostrando o verdejante valle, aos torcicollos, poderosamente cavado, onde arvoredos mudos se escondiam, n'uma penumbra de repouso e frescura.

Cá de cima, da estrada, o lindo valle ia apparecendo, á sorrelfa, mysteriosamente, em todos os seus cambiantes de verde; desde o verde chlorotico das rochunchudas alfaces até ao luzido e condensado verde-negro do milharal, saltando erecto e forte d'aquella boa terra fecundante, talhada em leiras, por entre alegres e mansos regatinhos que murmuravam e riam nos seixos abundantes. Aqui e além, o tom geral quebrava-se á volta d'algun casebre branco, muito pequeno, que surgia como um salpico de caio n'aquella prodigiosa symphonia de verde: dos postigos negros e da telha vã sahia um fumosito branco... Os passarinhos acordavam... E o meu rebanho caminhava para as pastagens...

O meu rebanho: era um rebanho microscopico, singular, curioso: uma caricatura de rebanho que cabia perfeitamente n'esta pagina, que se poderia á vontade fechar na mão papudinha d'uma creança.

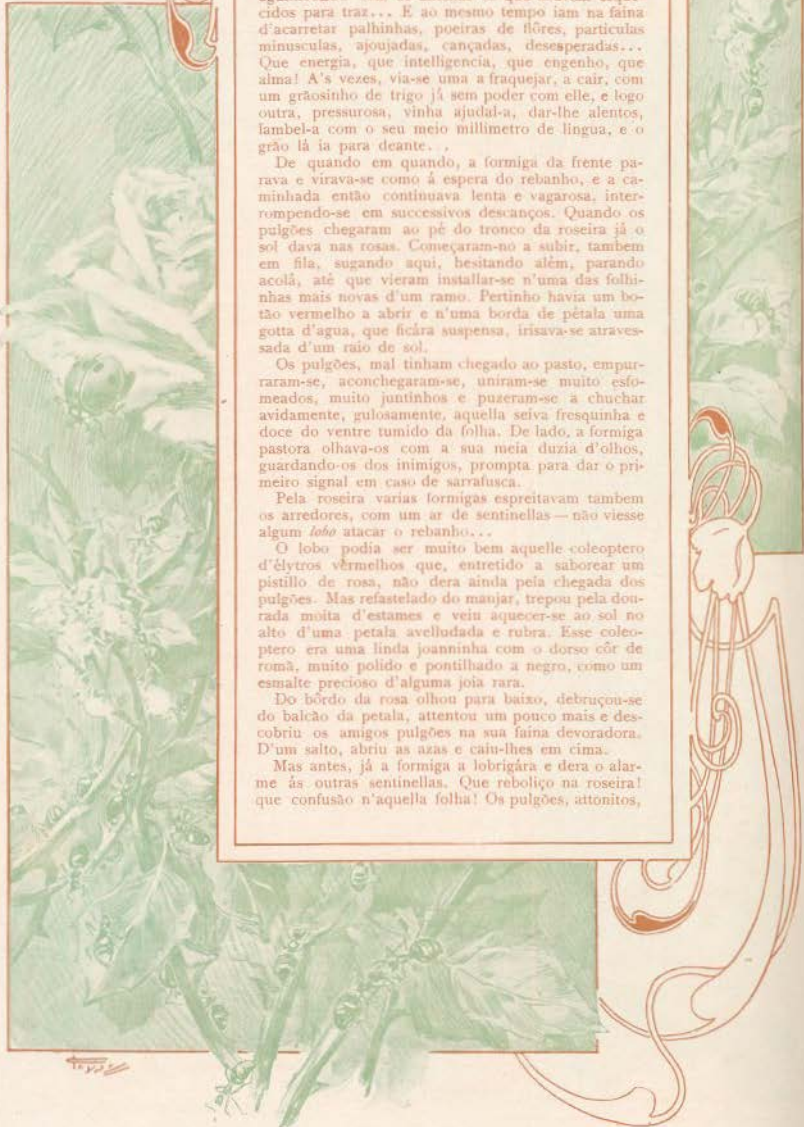


Era um rebanho tão pequenino, tão pequenino, que tinha os seus pastos n'uma follinha serrada de roseira e os estabulos mettidos lá para o fundo escuro d'um formigueiro. E no entanto era um rebanho de vacas... — vacas de formiga... — um rebanho de pulgões de roseira, insectosinhos verdes que as formigas agasalham nos seus formigueiros para lhes tirar uma mixórdia de leite, um succo adocicado de que são gulosissimas.

Esse leite fabricam-no os pulgões á custa da seiva da planta em que vivem e segregam-no por uma especie de tetas que tem no abdomen e que as formigas esvasiam habilmente comprimindo-as com as mandíbulas.

Todas as manhãs o rebanho sahia do formigueiro com um cento de pulgões e algumas formigas e dirigia-se para as folhas mais tenras da roseira proxima.

Os pulgões iam muito lentos, muito vagarosos, uns atraz dos outros, n'uma linha esverdeada, seguindo uma formiga pachorra e cautelosa que os pastoreava. Aos lados e na cauda, vinham formigas vigilantes, cuidadoras, empurrando uns, obrigando





outros a entrar na forma, espreitando alguma fuga, aguilhoando com as antenas os que ficavam esquecidos para traz... E ao mesmo tempo iam na faina d'acarretar palhinhas, poeiras de flores, particulas minusculas, ajouçadas, cançadas, desesperadas... Que energia, que intelligencia, que engenho, que alma! A's vezes, via-se uma a fraquejar, a cair, com um grãosinho de trigo já sem poder com elle, e logo outra, pressurosa, vinha ajuda-la, dar-lhe alentos, lambel-a com o seu meio millimetro de lingua, e o grão lá ia para deante...

De quando em quando, a formiga da frente parava e virava-se como á espera do rebanho, e a caminhada então continuava lenta e vagarosa, interrompendo-se em successivos descansos. Quando os pulgões chegaram ao pé do tronco da roseira já o sol dava nas rosas. Começaram-no a subir, tambem em fila, sugando aqui, hesitando além, parando acolá, até que vieram instalar-se n'uma das folhinhas mais novas d'um ramo. Pertinho havia um botão vermelho a abrir e n'uma borda de pétala uma gotta d'agua, que ficara suspensa, irisava-se atravessada d'um raio de sol.

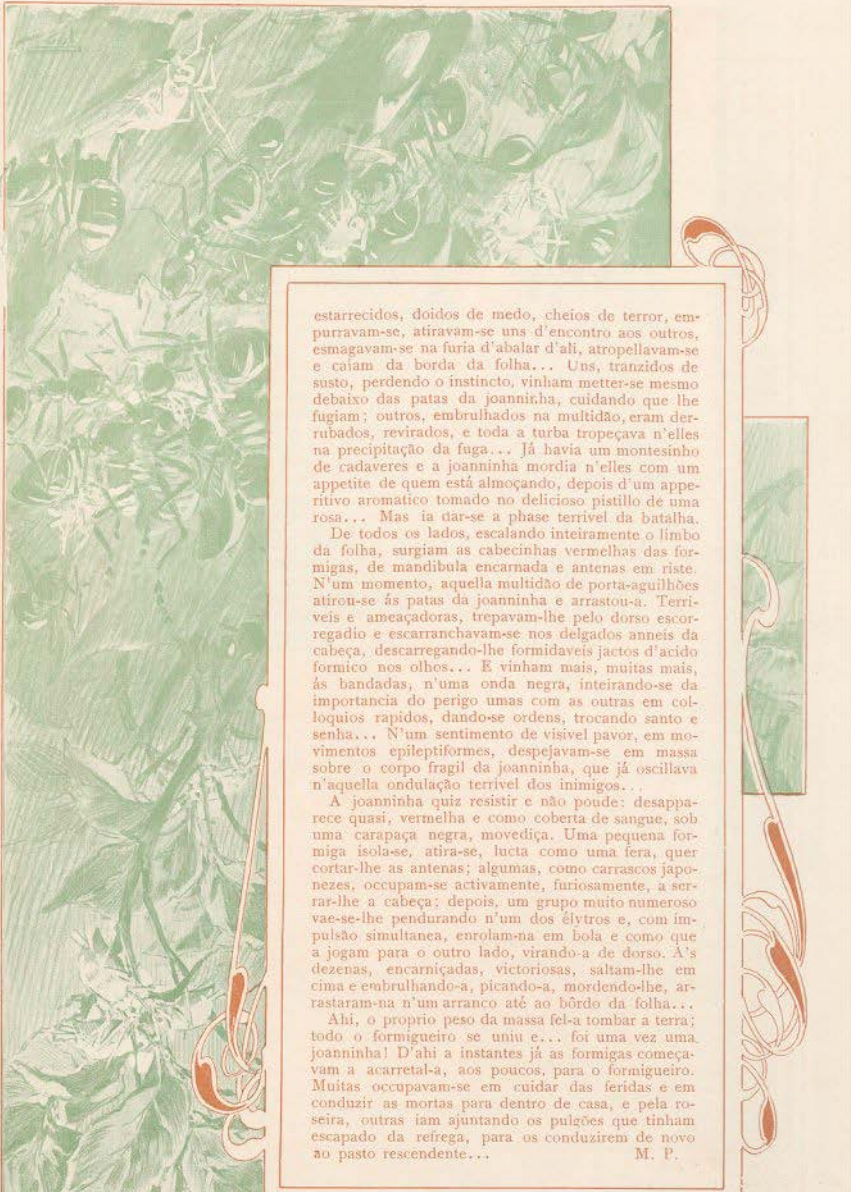
Os pulgões, mal tinham chegado ao pasto, empurraram-se, aconchegaram-se, uniram-se muito esfoameados, muito juntinhos e puzeram-se a chuchar avidamente, gulosamente, aquella seiva fresquinha e doce do ventre tumido da folha. De lado, a formiga pastora olhava-os com a sua meia duzia d'olhos, guardando-os dos inimigos, prompta para dar o primeiro signal em caso de sarrafusca.

Pela roseira varias formigas espreitavam tambem os arredores, com um ar de sentinellas — não viesse algum lobo atacar o rebanho...

O lobo podia ser muito bem aquelle coleoptero d'elytros vermelhos que, entretido a saborear um pistillo de rosa, não dera ainda peia chegada dos pulgões. Mas refastelado do manjar, trepou pela dourada moita d'estames e veiu aquecer-se ao sol no alto d'uma petala avelludada e rubra. Esse coleoptero era uma linda joanninha com o dorso côr de romã, muito polido e pontilhado a negro, como um esmalte precioso d'alguma joia rara.

Do bôrdo da rosa olhou para baixo, debruçou-se do balcão da petala, attentou um pouco mais e descobriu os amigos pulgões na sua faina devoradora. D'um salto, abriu as azas e caiu-lhes em cima.

Mas antes, já a formiga a lobrigára e dera o alarme ás outras sentinellas. Que reboliço na roseira! que confusão n'aquella folha! Os pulgões, attonitos,



estarrécidos, doidos de medo, cheios de terror, empurravam-se, atiravam-se uns d'encontro aos outros, esmagavam-se na furia d'abalar d'ali, atropellavam-se e caíam da borda da folha... Uns, tranzidos de susto, perdendo o instincto, vinham metter-se mesmo debaixo das patas da joanninha, cuidando que lhe fugiam; outros, embrulhados na multidão, eram derribados, revirados, e toda a turba tropeçava n'elles na precipitação da fuga... Já havia um montesinho de cadaveres e a joanninha mordía n'elles com um appetite de quem está almoçando, depois d'um appetivo aromatico tomado no delicioso pistillo de uma rosa... Mas ia dar-se a phase terrível da batalha.

De todos os lados, escalando inteiramente o limbo da folha, surgiam as cabecinhas vermelhas das formigas, de mandibula encarnada e antenas em riste. N'um momento, aquella multidão de porta-agulhões atirou-se ás patas da joanninha e arrastou-a. Terríveis e ameaçadoras, trepavam-lhe pelo dorso escorregadio e escarranchavam-se nos delgados aneis da cabeça, descarregando-lhe formidaveis jactos d'acido formico nos olhos... E vinham mais, muitas mais, ás bandadas, n'uma onda negra, inteirando-se da importancia do perigo umas com as outras em colloquios rapidos, dando-se ordens, trocando santo e senha... N'um sentimento de visível pavor, em movimentos epileptiformes, despejavam-se em massa sobre o corpo fragil da joanninha, que já oscillava n'aquella ondulação terrível dos inimigos...

A joanninha quiz resistir e não poude: desaparece quasi, vermelha e como coberta de sangue, sob uma carapaça negra, movediça. Uma pequena formiga isola-se, atira-se, lucha como uma fera, quer cortar-lhe as antenas; algumas, como carrascos japonezes, occupam-se activamente, furiosamente, a serrar-lhe a cabeça; depois, um grupo muito numeroso vae-se-lhe pendurando n'um dos élytros e, com impulsão simultanea, enrolam-na em bola e como que a jogam para o outro lado, virando-a de dorso. A's dezenas, encarniçadas, victoriosas, saltam-lhe em cima e embrulhando-a, picando-a, mordendo-lhe, arrastaram-na n'um arranco até ao bôrdo da folha...

Ahi, o proprio peso da massa fel-a tombar a terra; todo o formigueiro se uniu e... foi uma vez uma joanninha! D'ahi a instantes já as formigas começavam a acarretal-a, aos poucos, para o formigueiro. Muitas occupavam-se em cuidar das feridas e em conduzir as mortas para dentro de casa, e pela roseira, outras iam ajuntando os pulgões que tinham escapado da refrega, para os conduzirem de novo ao pasto rescendente...

M. P.



## A GAVOTA

I

*Nas salas do marquez, soror Clara de Lima,  
Freirinha dominica estouvada e travessa,  
O encanto das irmãs, o inferno da abbadessa,  
Ensina gentilmente uma gavota á prima.*

*Forma-se-lhe em redor um círculo que a anima;  
Geme o cravo hollandez quando a lição começa:  
E ella, em passos subtils, meneando a cabeça,  
Dir-se-hia um Watteau que um escapulario opprime.*

*De casaca de seda e cabelleira empoadá,  
A roda dos galans, mão no punho da espada,  
Segue-lhe o voltar do pequenino pé...*

*E surratemente, escandalosamente,  
Para o vêr de mais perto, o senhor Intendente  
Deixa cahir no chão a caixa do rapé...*





## O MINUETE

II

*Já velhinhos os dois, olhos vagos no espaço,  
Elle em púrpura e ouro, ella empoadá á franceza,  
O senhor Cardeal e a senhora Duqueza  
Assistem, conversando, a um serão do paço.*

*Marcia Lucas Jovini o solemne compasso;  
Dança o minuet de Haydn a côrte e Sua Alteza;  
E os dois velhos, lembrando a antiga gentileza  
E o tempo em que amoroso elle lhe dava o braço,*

*Baluciam, sorrindo, um tímido segredo,  
Occultam-se ainda mais no biombo, quasi a medo,  
Como fugindo á luz da sala enorme e accessá,—*

*E quando um criado vem servir-lhes os gelados,  
Surprehende a dançar, velhinhos e curvados,  
O senhor Cardeal e a senhora Duqueza...*



# A PAVANA

## III

*Dança a pavana a corte; e ao terminar a dança  
Ouve-se um beijo. El-Rei volta-se. Sensação.  
Don Ramon de Quevedo, o illustre fanfarrão,  
Beijára em plena face a embaixatriz de França.*

*O marquez de Sully, o embaixador, avança,  
Aproveita de prompto o ruido e a confusão,  
E erguendo o punho d'ouro ao trémulo bastão  
Castiga o insolente até que a mão lhe cança.*

*São da lucta, a tremer, Don Ramon de Quevedo;  
Vê o rei; quer fingir de gallo novo e sarlo,  
Puxa a pèrta de chivo e a espada de Toledo:*

—«E agora, Don Ramon?»—diz-lhe Filippe IV—  
Que fazes ao marquez?»—«Lo malare de miedo!»  
—«E á marqueza?»—«Por Diós, la malare de parto!»

JULIO DANTAS.



# OS MIRADOUROS

**E**STAMOS na antevespera da romaria da Senhora da Lapa: são 13 de agosto. E o vasto planalto da serra começa a povoar-se intensamente de movimentada alegria.

O tempo corre esplendido,—calmo, lavado e quente. Rutilações de luz pelos cabeços, finas carícias balsamicas ao longo das gargantas, ensopamentos de frescura na aconchegada flacidez dos valles, brandas calenturas soalheiras desdobrando-se em risonhas toalhas sobre o dorso das vertentes, a seiva a espirrar com força, os campos de grande gala, a Natureza em festa, o ar vivificante.

O topo asperrimo da serra da Lapa, monstruosa accumulção massiça de penhascos, tem o grandioso aspecto d'um gigante da selva, a severa cruzeira d'um tyranno do deserto, a imponencia magestosa d'um rei da solidão. Todas as manhãs apparece invariavelmente coroado de nevoeiro.—o barrete de dormir dos montes; as suas immensas ladeiras a prumo, implacaveis e cortantes como dentaduras de grandes carnivoros extinctos, esquivam-se ao pisar do viandante, ciosas da sua liberrima selvageria, multiplicando-lhe pelos caminhos as ciladas e os precipicios; pobrissimas aldeias primitivas poisam, por aqui por ali, raras e timidas, flagelladas pela aspereza inclemente d'aquelle clima de



lobos; e, crystallina e cantante, a mais pura agua a derivar, a murmurar, a borbulhar de todos os lados, no seio de cada corrêgo saltando, para depois, liniforme, radiar pelos vertentes.

N'uma ou n'outra encosta, isolados, vegetam pequenos grupos de pinheiros, com as bases dos troncos vestidas dos longos filamentos sanguineos do *linho de raposa*. Paredinhas baixas de pedra solta de granito, ladeadas e vestidas por fetos, definem as magras propriedades, regrando n'uma impertinencia basta de arabesco a tonalidade arisca do solo tostado. Pela anemica extensão dos baldios recorta-se o verde tenro dos fetos, sorri a inflorescencia amarella das giestas, desdobra-se rasteira a vegetação delicada da urze, e alisam-se alcatifas colossaes de *panasco*, do qual o vermelho livido toma, pelas dobras do terreno, as macias nuanças do velludo, os contrastes fidalgos do setim.

No alto da serra, muito solida e caiada,—o telhado vermelho, viscado a cal, a banal portita verde,—assenta a capella, voltada ao Norte, tendo a opprimita á esquerda, ligado por um passadiço o affrontoso edificio, enorme e negro, da *Companhia*, e á direita o rastejo escasso e humilde do casario da povoação.

Por todas as cumiadas em volta, no tempo dos mamelões ou á ilharga dos caminhos, graceis e rijos se



erguem então os *Miradoiros*.—Uma singela base quadrangular de granito, — de cujos angulos partem ao alto quatro elegantes pilastras *renascença*, a supportarem uma discreta cupula abobadada. Uma especie de mirantes de observação, de pontos de referencia ao viandante, de afaiveis logradouroiros do vastissimo panorama, de meditativas tocas, de casas de sombra, de abrigos, de signaes, cuja tradição, meio pagã, meio mystica, se perde na noite dos tempos.

São, pois, 13 de agosto, sobre a tarde. O vasto terreiro da Senhora da Lapa regorgita de movimento. Acabam de armar-se, á pressa, na longa rua que enfia á capella, algumas pelintras barracas de lona e panninho, muito brancas, a armação de pinho a sorrir por entre as suturas da linhagem, e erguidas sobre os mostradores, a sustentar os toldos, grossas vigas forradas tambem de branco, com grandes lozangos ornamentaes de fita vermelha.

E dispõem de embalada os barraqueiros, em pilhas vistosas, os seus artigos de negocio: fazendas de lã e algodão, pannos crus, lenços, chitas, case-miras. As lojinhas de quinquilharias garridamente faiscam com o seu mirabolante aspecto menineiro; larga profusão de gaitinhas, tambores, marimbas, carrinhos, violas, armamentos de folha, arlequins de papelão, cordeirinhos que cham, pretos que guincham, gallos que assobiam, meninos de cêra, cobras articuladas, reclamam as mœnitas febris d'uma creança que as despedace, na adoravel ancia infantil «de vêr o que teem por dentro.» Os logares dos ourives, — apenas tres, — prendem no magnetismo aurifugente dos grilhões e das arrecadas os olhos parvos das serranas. Depois, os carros ambulantes de venda de imagens, folhetos, *registos* e flores de papel; os taboleiros de doce, — rebuçados, arrufadas, cavacas, amendoas, biscoitos, pão de ló; as frigideiras de peixe frito, as tascas do «bon vinho e comer», os panoramas, as roletas, o gigante.

Em tudo isto ha o movimento desordenado de quem tem pressa de concluir: taboleiros que se alinham, prateleiras que se enchem, toldos que se esticam, tentações que se penduram á beira das barracas, balanças de folha que se soltam tilintando, lampiões que se penduram, varredelas que se dão. E a multidão dos romeiros, já atramochada, já consideravel, salta algareira de logar para logar, inquire, atravessa, corta, irrompe, acotovela-se n'um desgarrado alarido de exclamações folgazãs.

Uma calida harmonia inalteravel embala a serrania. Os insectos zunem alegremente. Os *pétos*, — as cêgarêgas dos bosques, — laceram ruidosamente a casca dos pinheiros. Sente-se a vida a latejar.

E era agora quando, na vertente occidental da serra, — a menos intractavel, — e n'um furtado outeirinho, atapetado e tranquillo, dois pacificos aldeões, epicureamente estendidos, á boa-paz gosavam um regalado ocio dominieuro. Sob o seu tosco burel, o *magenta* da urze *queiro*, o branco e o creme aveludado do sargaço, o verde glabro da carqueja, o verde quasi negro das gramineas rasteiras, o retinto azul das *sanjoaninhas*, o roxo do *panasco* e o oiro das giestas, teciam um mosaico tão admiravelmente picado, de tão caprichoso e fino desenho, tão fresco e tão vivo, como jámais artistas de Ispahan ou de Damasco souberam produzir. E o bello cheiro activo da *herva santa* enrolava-se no voluptuoso e parado ambiente em torno.

Eram moços ainda esses dois bons rapazes. Abrigados sob a abundante folhagem lanceolada e os formosissimos cachos de flores d'um azereiro, as



pernas alongadas recolhendo os últimos raios do sol, placidamente dialogavam:

— O caso é que *stemos* aqui melhor que Deus co'os anjos! Co' este solzinho, *aca* que a gente nem conhece as suas pernas!

— E' de consolar, é... Falta uma pinga p'r'a socega.

— Isso logo. depois do jogo.

— Tu jogas hoje?

— Olá se jogo! O *home* da batotinha já lá tem a barraca. Hoje cae lá tudo, porque amanhã o sr. administrador pode *parhibir*... Tu *tameu* jogas, hein?

— Até dois pintos que aqui trago, posso perder.

— Qual perder!... Ganhar é que se quer! Eu cá já venho prevenido. Olha...

E saccando um embrulhinho de papel da algibeira do collete, tirou de dentro, muito ensanguentada e repelente, uma pequenina cabeça de vibora.

— Isso p'ra que é!? — perguntou-lhe admirado o companheiro.

— P'ra que é?... *Antão* tu *nim* sabes que quando o *home* se senta a uma banca de jogo co' uma cabeça de vibora na algibeira, *aca* que ganha tudo?

— Ganha agora...

— Não mas sim; já te cantei! Sei de gente a quem tem *assucedido*. *Mesmamente* o meu primo, o de Aguas Boas, aconteceu-lhe isso o anno passado, nos Remedios.

— Lérias!... Lá que a cobra, quando vae beber, despeja primeiro a peçonha em cima d'uma pedra, isso sim. Vae, finda de beber, e torna a chupala. E é assim, enquanto ella bebe, que se lhe pode tirar o veneno, o que a faz morrer. Mas agora que ellas façam ganhar a gente... historias!

— Ora logo tu verás! — E tornando a metter o viperino amuleto na algibeira,meticulosamente: — E eu *antão* que preciso tanto d'ella!... Dizem que quem é feliz aos amores, *aca* que é infeliz ao jogo. Ora eu... não sei se te conte... tenho agora uma conversada de truz!

— Sim? Conta lá!

— Outro dia *aca*, vinha eu de Aguiar, de casa do morgado p'ra riba, e incontrei no caminho a rapariga. Coisa rica! Cada olho, cada perna!... Ahí chegamos á fala... e eu a acobardar-me, e ella a trespassar-me cada vez mais co' aquelles olhos... Varru-me de todo, a desalmada! Mas *fiquemos* intencidos. Ella diz que *tameu* me quer bem! E' d'aqui perto, de Quintella; e sempre que adréga eu ter maré de dar uma fugida, vou-lhe falar.

— E' de Quintella?... — reflectiu o amigo.

— E' sim. Sabes?... E' a Quitéria da Joanninha.

— A Quitéria?!... 'Stás servido!

— *Antão* que tem?

— E' conversada do Antonio Julio, é o que tem!

— Do Antonio Julio?... Póde lá ser!

— E' o que te eu digo! Andam desavindos dês que ele foi p'r'as malhadas; mas querem-se muito, querem-se de ha dois annos. Ora agora o Julio chega ahí por manhã... fazem logo as pazes... é a his-



toria do gallo longe da gallinha... E tu sabes como elle é!

— Com que *antão*... desavinda co'o Julio?... o Julio... — balbuciava pallido o enamorado sereno; pallido da arrelia da descoberta, pallido de medo do rival.

— Tem cuidado, Miguel! Este, porém, n'um arranque de valentia, ergueuse:

— Ora adeus! que me importa! O Julio é um *home* com'os mais!

E, sempre chalrando, vagarosos, seguiram para o terreiro.

Cahia o crepusculo. O ar topasiava-se. Pelos tron-



cos esguios dos pinheiros os últimos raios sanguíneos do sol na agonia riscavam, de alto a baixo, grandes listas vermelhas.

Mas já o penseroso Miguel não quiz saber de jogo; e no dia seguinte logo de manhã, eil-o de ir ter com a boa da Quitéria, todo apprehensivo e ralado.

Encontrou-a toda sécia e appetitosa, muito lavada e garrida, cheirando a linho e camoëzas, vestidinha e prompta para a festa. Interpellou-a brutalmente: — se era para esperar o Antonio Julio que se tinha paramentado assim? — Surpresas, choros, explicações, amuos. — Que ella gostára d'elle... era bem verdade; mas muito tempo havia; que ultimamente não o podia vêr, e só por medo o não baixava; que elle era um homem de ferro, testarudo e brusco como um penedo, que por qualquer coisa lhe batia; e que *mesmamente* agora não gostava senão do seu Miguel! e d'esse era mesmo lá de dentro! Mas se elle desconfiava assim d'ella, que abalasse... e a deixasse pensar só...

Supplicas de perdão, reluctancias, protestos, pazes feitas com abraços, amores sellados com beijos... e ahí veem andando os dois todo o dia muito unidinhos, a gosar a chegada dos romeiros. Enquanto solícito o amigo do Miguel, esse precavido interlocutor da vespera, o Francisco Lopes, não se fartava de esquadrinhar o campo no furo do temido Antonio Julio. — Apenas d'elle dêsse fé, n'um instante iria avisar o amigo!

Comtudo, té á noite, nem signal d'elle... Talvez esse *barzabum* nem viesse. — Tanto melhor!

Tinham chegado, sim, de toda a Beira, galheiros e tressuando rubros na scentelhação mordente do sol, centenas e centenas de peregrinos. — Grossas mulheres da Média, de Penedono e da Pesqueira, de chapéu redondo de feltro, jaquetinha curta de panno só presa por um botão, um enxoval inteiro de saiotas sob a saia curta de merino, cavalgando de *cadeirinha* mulas possantes de almocreve; rudes aldeões curtidos da serra do Pisco, da Gata, das Naves, de Pinhel, vestindo todos saragoça, tamanços ou sapatos brancos de vitella, grande collarinho, sem gomma, derrubado na camisa, chapéu de abas enormes, um grosso varapau; creaditas de servir de Vizeu e Lamego, viciosas, alvoroçadas, dengues, com sua saia e chambrinho de folhos, lenços de séda de côres lubricas, o chale no braço, sombrinha e cordão de ouro; abastados lavradores do Douro, muito adiposos e largos, sem bigode, a barba curta, de orelha a orelha enquadrando-lhes as maxillas, montados grotescamente em eguas inverosimeis de esparvões e de fome; senhorinhas ingenuas de Sattam e de Moimenta, ostentando empafiantemente, com uma grande vaidade comica, vestidos de séda cortados pelos figurinos de ha trinta annos atraz; espigaditos morgados de provincia, com pessimos jalecos aberrativos, de alamares em ansa, governando maus cavallos manhosos, por elles estragados a poder de ignorancia e pilotices; e mais pastores, batoteiros, fidalgos, ladrões, contrabandistas, facinoras, — todos premindo-se no adro, irrompendo pela igreja ou precipitando-se dos caminhos; todos chocando-se

ante as barracas, escallando a hospedaria, e animalmente comendo, bebendo, vozeando, atropellando-se, ladrando.

Lamuriosa e lazarenta ao longo dos caminhos, uma dupla linha repugnante de aleijões atirava ao ar victoriosos constantes supplicas cantadas, cortando em estridencias de dór o tropear alegre dos que passavam. Tres padres nédios e luzidios, de rosto hypocritamente aberto, passavam por entre alas respeitosas, montados em garranos de aluguer. — Ao fundo, a capellinha, muito escarolada e polida, — o portal verde escancarado, as duas columnas tor-





segundo a tradição, por uma rapariga muda, em 1408, a imagem da Senhora, — imagem que pertencera a um antiquíssimo mosteiro, saqueado e profanado pelos moiros, d'onde por essa occasião desaparecera mysteriosamente a Senhora. Pois veio, seis seculos mais tarde, a humilde pegureira muda a dar com ella na sua recatada gruta, cobrando então a fala. — Milagre!

Fez-se-lhe immediatamente no mesmo sitio uma capella, com a Senhora alojada, consoante ainda hoje está, na mesma lapinha de granito, em compartimento envidraçado. No seculo XVII foi reedificada e ampliada,

adicionando-se-lhe então aquella bisarmal excrescencia do collegio jesuitico, a qual ainda hoje opprime com a sua negra mole sinistra a modesta capellinha.

No seu interior, aquelle dia todo lumes e flores, era curioso de ver o presepio de barro, tão prodigamente imaginativo, tendo a dorso do Calvario o Crucificado, ladeado dos dois ladrões, e por toda a vertente descendo uma quantidade estonteante de figurinhas, relativamente perfeitas e vividas intensamente, a todas as epocas reportando-se e representando toda a sorte de assumptos: cohortes guerreiras, supremos sacerdotes, janissaros, juizes, pastores, lavadeiras lavando n'uma torrente, pares de namorados sob as arvores, anjos, demonios, judeus, virgens e creanças. N'um outro altar, á esquerda, agonisa, em leito á moderna, um precioso S. José, que veste camisa de dormir cortada pelo padrão da de qualquer burguez actual; e, no primeiro plano, um anjo avança pelo seu pé, e traz-lhe muito grave uma tigela de caldo. Tambem, sobre o altar-mór, um Menino-Jesus inexpressivo e rubido adorna-se com um genuino vestuario á Luiz XV.

A' espalada do altar-mór, na casa dos milagres, uma serrana explanava á filha, pregada de susto, o milagre do sardão.

— Aconteceu co'uma mulher. Ella ia co'uma teia, de Santa Eufemia p'ra Quintella, e o sardão saí-lhe ao caminho. Vae a pobresinha, cheia de medo, foi-lhe atirando os novellos; mas o bicho comia-os e perseguia-a sempre! Ella então chamou-se á Senhora, e o sardão ficou logo morto ali! E' este, vê? . .

E mostrava á filha um enorme lagarto verde, de papelão, pendente do tecto por arames.

Depois, em frente das penhas:

— Repara, filha... aquillo é outro milagre. Uma pessoa magra passa por aquelle buraco, mas custa-lhe; vae uma gorda, *mesmamente* uma mulher pejada, e passa na mesma. E é muito bom p'ra gente ter uma boa hora... como quando foi de ti, minha filha!

Abria a rapariga para a milagreira concavidade uns grandes olhos supersticiosos. Emquanto uma interminavel fila deromeiros, de todos os tamanhos, feitos e condições, se ia passando á porfia, muito compenetrada e benzendo-se, pela lendaria fenda.

Grosso borborinho a este tempo no terreiro. Tudo a olhar, a acotovelar-se, a correr... Era a briosa musica de Tarouca que chegava. — de velhos casacos e barretinas de cavallaria, brutalmente mascarada de pó, suada, vermelha, ofegando, e assooprando com desespero os seus instrumentos de metal amolchados.

cidas e a pesada cornija cobertas de ripas caprichosas, — tinha o presumçoso aspecto de quem sabia feito por ella todo aquelle grande bulicio inacostumado. Junto á porta, a multião comprava afadigada a um irmão os barbaros registos de folha envidrada, com a gravura da Santa em miniatura, arrogante e festeiro emblema que logo pregavam nas jaquetas, no peito, nos chapéus. Lá dentro, alguns penitentes, de joelhos, arrastavam-se para o altarmór dolorosamente.

E' devéras interessante este venerando altarinho, ou sanctuario, cuja base tradicional se fórma na juxtaposição imperfeita de dois penedos, deixando entre si uma cavidade, ou lapa, através da qual um homem regularmente encorpado pôde passar perfeitamente. N'esta ignorada concha rustica fôra achada,

E muito unidinhos e certos a Quiteria e o Miguel, por todo o dia.

E inalteravelmente o amigo Francisco de vigia.

A intervallos momentos, e quando menos o esperavam, certo era a Qui-

der dos lampiões pela truanesca bocca das tendas, ao recamar das ripas da capella com a doce illumination velada dos *pyrilampos*: já uma linda e perturbante desgarrada soava, n'uma loja de esquina, á direita da capella. Ao acompanhamento chorado e dolente de cavaquinho e viola, um rapaz e uma rapariga iam ao desafio cantando, no inspirativo calor do momento, bellas quadras de improviso, ingenuas perfumadas. A multidão apinhava-se em torno, n'uma communhão sentimental de instincto, interessada, gostosa, applaudindo muito; e os dois léstos contedores proseguiam sempre, inspirados e incansaveis, n'uma possante voz repenicada soltando o magoado e suave rythmo dos seus cantares.

Eram nada menos que o Miguel e a Quiteria. Duas vozes sadias, frescas, limpidas, com êlances energicos na paixão e quebramentos languidos na ternura. Proseguiam sempre, amavelmente obstinados, ao lado dos dois tocadores sentados em cima da mesa, — o Miguel de perna traçada, a Quiteria de punhos nos quadris.

teria e o Miguel defrontaram subito com este seu officioso esculca, incansavel na sua precavida ronda, que um instinctivo receio estimulava.

— Sentinella álferta! — gritava-lhes elle então no ouvido, marcialmente, com um protector sorriso.

E os dois namorados, vendo a expressão tranquilla e sorridente do amigo, exultavam e confiados proseguiam no seu idyllio.

Ou então era o mesmo Miguel que, ao sentir approximar-se o Francisco, por seu turno bradava, com bonhomia arrogante:

— Quem vem lá?

— E logo o outro:

— Gente de paz!

— Passe de largo!

— De largo, por ora, anda o inimigo...

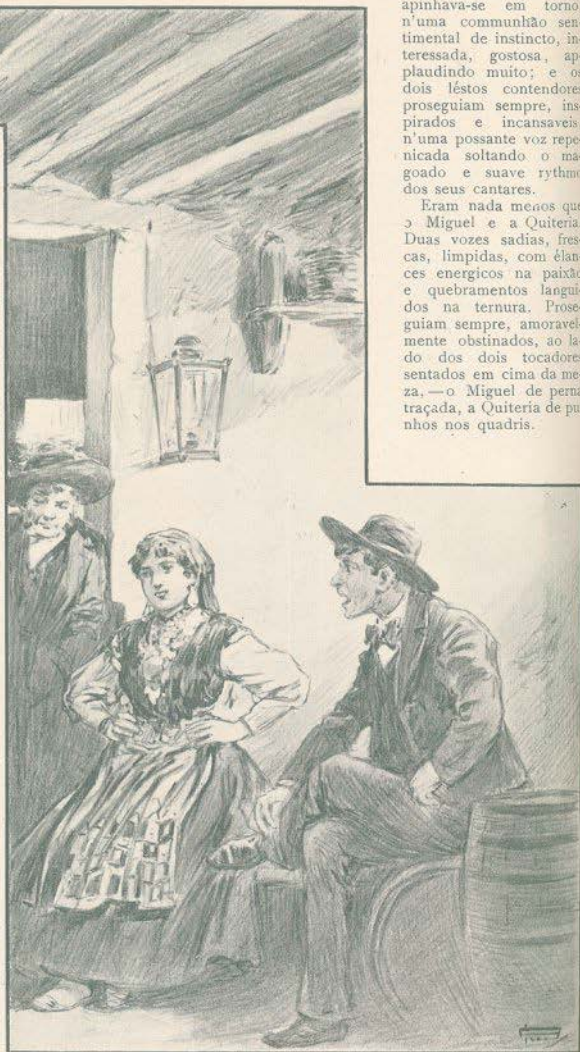
— Bem se me dá a mim d'isso! — resmungava em ar de valentão o Miguel, bebendo alento nos olhos em fogo de Quiteria.

E por seu turno esta, desdenhosa, altiva tambem, erguendo os hombros:

— Ora! *Bó cavaco!*

E assim voltavam a separar-se, para, d'ahi a minutos, em novo encontro, os dois amantes renovar em no amparo leal do amigo a segurança do seu affecto.

Sobre a noite, ao intervallo estralar dos primeiros foguetes, ao accen-





Canta elle agora:

A açucena co'o pé n'agua  
Pode estar quarenta dias...  
Eu sem ti nem uma hora,  
Quanto mais noites e dias!

E ella:

Quantas mais noites e dias  
Eu passo longe de ti,  
Tanto mais eu me convengo  
Que o coração te cedi...

Volta elle:

O coração te cedi  
Eu inteiro, outro dia *aga*...  
Por' mor de ti, meu junquilha,  
Não ha asneira que não faça!

Ella:

Não ha asneira que não faça  
Quem nos homens se fiar...  
Elles teem falas de mel,  
Coração de rosaltar.

Elle:

Coração de rosaltar  
E' o teu, Quitéria, quando  
Te ficas rindo escarninha  
De mim... que me vou chorando.

Ella:

De mim, que fico chorando,  
Tu te vaes çaçoando e rindo!  
Havia de morder-te a alma,  
Se eu fôra cobra... sentindo!

Elle, brejeiro:

Se eu fôra cobra, sentindo  
Que andavas pelos milhões,  
Ia espreitar-te, Quitéria,  
Em certas occasiões!...

Ella, derivando:

Em certas occasiões  
Oíço cantar a perdiz  
Na gaiola do meu peito:  
Ella canta, — sou feliz!

Porém, coisa de monta havia...

Porque, em meio d'esta última quadra da Quitéria, entrára muito enfiado o Francisco, e foi direito segredar ao ouvido do amigo o que quer que fôsse, que o pôz pallido de cera! Quasi simultaneo, entrava tambem na loja um grosso homem, especie de matalote corpulento e forçado, trigoeiro, barba toda, a sobranceira espessa e unida, larga a maxilla, o enviezado olhar chammejante. — Era o Antonio Julio, Que, tomando o ultimo verso da rapariga, então cantou, n'uma voz de mal disfarçada commoção, tremida e velada:

Tu cantas, tu és feliz,  
Eu choro... quem tem razão?...  
Queixavas-te dos meus zelos,  
Eu da tua ingratidão.



A Quitéria, colhida de surpresa pela temida e brusca apparição do amante, torceu-se n'um frio de pavor... ia desmaiando. Mas reabrando breve o animo abalado, retrucou-lhe, com um amargo desafio no olhar, com a voz tremula tambem e os labios brancos:

Tu da minha ingratidão  
Nada tinhas que dizer,  
Aguas passadas não moem...  
Hoje não te posso vêr!

Mas o abaçanado Julio replicou, n'uma perversa mordacidade:

Hoje não me podes vêr,  
Hoje abandonas-me assim!...  
O' falsa que me vendêste!  
Quanto te dêram por mim?...

Então o Miguel, enardecido peêla presença da

amante, rancoroso e cego, interveiu com impeto:

Quanto dêram por você,  
Quer saber?—ora eu lhe digo:  
Dei-lhe a ponta d'um chave!ho!  
Passa fóra, meu amigo!

E com a ponta do varapau roçou, em ar de desafio, a jaqueta do rival.

Tanto bondou para que o Julio formasse um salto feroz, indo cair nos braços de varios espectadores, que logo correram a interpor-se. E ahí faz elle esforços desesperados por se desenvençar, por entre pragas e blasphemias, urrando, luctando, escabujando. De longe por igual o Miguel, contido pela Quiteria e o Francisco, supplicantes, provocava-o. Tê que o rival, convencido da impossibilidade da desforra, para o momento, rosnou de ameaça:—Não m'as perdes!...—E sahio bufando.

Cá fóra, no terreiro, mal se tinha dado por semelhante rixa. Ameudavam-se os grupos buliçosos em torno dos taboleiros de doce. Pelas janellas do 1.º andar do Collegio sabiam as cascalhadas homericas e o tilintar de loiça dos padres que ceavam. As linhas architectonicas da capella, na polychromia discreta dos *pyrilampos*, definiam-se n'uma suavidade enterneçada. Nos angulos do adro, fronteiras, tocavam á compita, alternadamente, as musicas de Aguiar e de Tarouca. Pelos mostradores das barracas havia lampejos furtivos de coisas appetitosas. Saturava o ar um cheiro a acetylene, rebalsado de suor e porcaria. Soldados de infantaria q'patrulhavam por entre o povo, aborrecidos. E a quando e quando as curvas dos foguetes de lagrimas despediam a sua umbella de luz ephemera e quente sobre o oceano



inferior de milhares de boccas, alvarmente ao alto escancaradas.



Mas o pobre do Miguel não as perdeu com effeito... Burlou-o a hypothetica *virtude* do viperino amuleto.— Era a sorte!

Porque os primeiros que, visto o fogo, e depois de breve dormida sobre a terra, retiravam de madrugada para o trabalho, viram apavorados um vulto de homem pendente e dançando, como um phantasma de enforcado, do *Miradoiro* que dava para Aguas-Boas.

O mais ousado aproximou-se, olhou, tateou... reconheceu o Miguel!

Apeado com piedosos disvelos, averiguou-se que tinha sido assassinado: diziam-no os bordos sangrentos de tres facadas, no ventre, no thorax e no pescoço, d'onde ainda o sangue brotava grosso, em coagulos lividos... E fóra assassinado longe, — denotava-o um rasto de sangue pela herva, — e p'r'ali carreado e pendurado depois, sem duvida, para escarmenta, por um requinte de crueldade.

Que bêsta-féra este Antonio Julio!



# DANSAS E CANTOS POPULARES DA NOSSA TERRA



A quem pense, e diga até com certo pittoresco, que nós os portugueses somos

uns incorrigíveis folgazões, alegres sempre e despreocupados, confundidos em sangue e alma com o sol brilhante das nossas lindas tardes de toiros, n'uma miscellanea ruidosa de foguetes, philarmonicas, canções de taberna e outras quinquilharias, fazendo-nos entrar, com tal característica, em operetas de successo.

Ha tambem quem pense justamente o contrario, lá por fóra, e nos supponha uns molles sybaritas, vivendo de paixões e de cantigas, versificando á lua e ao mar, de guitarra em punho, cheios de saudades suicidas e morrendo cada qual pela sua dama com a mesma facilidade e desprante com que se diz morrer de sede nas-noites calmas do verão.

Estes preconceitos teem dado motivo a decepções fornidaveis; porquanto a verdade é que nem somos isto nem somos aquillo, ou somos tudo isso e alguma coisa mais, não obstante a pequenez do nosso bom Portugal mal parecer tanto comportar. Pois banhado em grande parte pelo mar

Saige



Pregão dos morangos

e pelo marulhar das suas ondas adormentado, tem nas provincias serranas muito boa

gente que nunca viu mais agua que a do fio-sinho crystalino que a desседente e ao seu gado. Em contraste a estes ha portugueses que desconhecem sinceramente a possibilidade d'outro viver e d'outra civilização que não seja a que gosam no meio vicioso e airado da capital.

Ha mesmo portugueses, como os açoreanos por exemplo, que nunca viram Portugal e que vivendo embora a centenas de kilometros afastados da península, nunca conheceram outra lingua que aquella em que, hoje ainda, os seus soldados juram defender a bandeira das quinas.

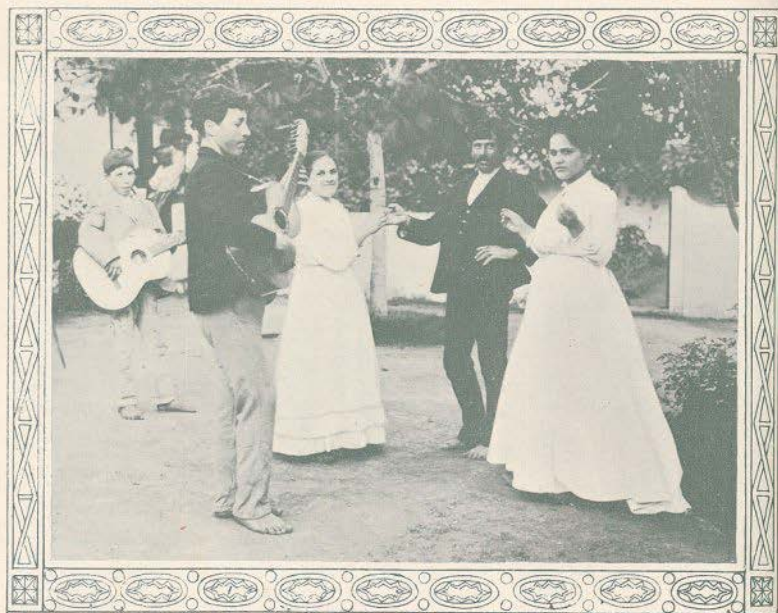
Ha portugueses na Europa, ha portugueses na Asia, ha portugueses na Africa, na Oceania e na America.

Nenhum outro imperio consigna a historia que, na apparencia tão pequeno, tão rico fosse de modalidades ethnicas e tão uno seja no sentimento affectivo da Patria.



Fados maior e menor

Da mescla de elementos materialmente tão heterogenos resultam, por vezes, phenomenos sociaes muito curiosos. Assim, não é raro que a mesma melodia popular, como o fado por exemplo, sem nada perder da sua característica, nem no desenho melodico, nem no rythmo, nem na forma de lharmonisação, é alegre ou triste, comica ou apaixonada, causticamente satyrico ou piégas, conforme haja que celebrar as alegrias roucas ou avinhadas dos moicanos da Mouraria ou desabafar, em poesia, as magoas romanticas e luarizadas das pallidas donzellas da baixa.



Baile açoreano acompanhado à viola

Este phenomeno de variabilidade modal estende-se até á cantilena dos pregões da Lisboa, que, na sua quasi totalidade originados no modo maior, saem da bocca d'alguns saloios mais figadeiros, n'uma modalidade menor tão tristes e tão fatidicos, como uma velha lamentação dos prophetas da historia. Isto observamos, entre outros, no pregão dos morangos.

Em Lisboa quasi não ha outra musica essencialmente popular além da do *fado*. Nas noites festivas de Santo Antonio, S. João e S. Pedro, costumam as classes mais baixas desopilar-se das cancelas da vida laboriosa, dançando e cantando nas praças publicas as modas mais queridas das suas provincias. Mas isto faz-se na capital actualmente sem muita sinceridade, antes com o natural acanhamento que lhe dá a atmosphaera intellectualmente superior que as abafa.

Nas suas terras em compensação o provinciano vinga-se estrondosamente da sensibilidade nervosa da policia de Lisboa e é vêl-o então ali, empunhando o *adufe* ou escovando galhardamente o seu enorme *Zé-Pereira*, abrir caminho para os arraiáes, arrastando, n'uma hypnotisação de hystericos, os mais exigentes criticos d'arte e sinceros dilettanti do seu lyrico.

A musica dos *Zé-Pereira* é, naturalmente, uma musica de rythmo e mais nada, sem ser muito pouco; porquanto, não ha ainda muitos annos — em 1892 — o numero de *Zé-Pereiras*, em uma festa de S. Gonçalo de Amarante, elevou-se á bonita somma de 97 professores. E ainda o empregario, fiel ás tra-

dicções dos seus collegas lyricos, comeu o moradomo em 22 figuras, porque, segundo o contracto,

*Allegro*  
  
 Oh mi-nha can-ni-nha ver-de, Oh mi-nha ver-de can-

  
 ni-nha, Oh mi-nha can-ni-nha ver-de Oh mi-nha ver-de can-

  
 ni-nha, Sal-pi-ca-da sal-pi-ca di-nha dá-

  
 mo-res E dá-morá E dá-morá sal-pi-ca-

  
 di-nha ó-i-ó-a-i E dá-morá sal-pi-ca-

  
 di-nha Sal-pi-ca-di-nha dá-mo-res E dá-morá sal-pi-ca-di-nha!

Canninha verde

*Adagio*

O meu bem li - cou de vir... An - tes  
O lu - ar já lá vem ven - do O meu  
de vir o lu - ar... O meu bem li - cou de  
bem sem cá che - gar... O lu - ar já lá vem  
vir... An - tes de vir o lu - ar  
via - do O meu bem sem cá che - gar.  
*Uma moda alemiejana*

d'esta região que acompanham os homens na faina laboriosa do amanho das terras não desaproveitam qualquer ocasião que se lhes offereça de desenfadar a vida, e é com alegria sempre que accéptam a amabilidade d'um convite para dançar o *Malhão*, a *Canninha Verde* ou o *Vira*.

A *Canninha Verde* é talvez a melodia popular mais seriamente alegre de toda a península. E' ella, por isso, a companheira feliz de todas as almas ditosas d'este bello paiz do sol e de ceu azul.

Na provincia do Alemtejo o povo, em regra, não tem instrumentos para acompanhar as suas danças. D'esta lacuna resulta para as respectivas melodias uma tal ou qual vantagem, pois que para a supprirem inventam um contraponto a duas vozes muito



Outro aspecto do baile açoreano

*Andante*

Vaca - ber a sil - va, Vae ce - lho - la, que, estel - la te pu -  
car, Não di - gas ai - ai... Não di - gas ai - ai, Não di - gas ai  
ai... Vae ce - lho - a sil - va, Vae q'eu tam - bem fezi...  
*Moda alemiejana*

deviam entrar em Amarante a totalidade de 104 artistas.

A gaita-de-folles, acompanhada ou não do *Zé-Pereira*, é, nas aldeias serranas da provincia de Traz-os-Montes, especialmente, instrumento de grande vulgarisação e apreço.

Para acompanhamento das suas danças e cantares teem os povos do Minho um instrumento muito seu, a viola de arame, ou viola bragueza, que aos Açores e Madeira foi buscar a fôrma mais aperfeiçoada e mais artistica.

As melodias do Minho são as mais alegres do *folklore* portuguez. As raparigas

*Andante*

Oh se não ro que la - nei - ra, Branca la - ran - ji - nha, Quan -  
 tas dá por um son - tem. Deu qui - troz qu'em mees -  
 le ma, Branca la - ran - ji - nha Deu em - coa p'anne quer bem.

*Senhora quinta-feira*

larga applicação nas harmonisações do canto gregoreano e em toda a musica de caracter mais grave.

Nos arraiaes, o povo adopta para accentuar o rythmo das suas modas o pandeiro e em alguns sitios o acordeão, instrumento hoje infelizmente quasi nacionalisado, e cuja propaganda se deve aos moços de padreiro de Lisboa, que o aprendem aqui, para quando regressarem á terra, deliciarem, nos arraiaes, os ouvidos incultos, mas marchetados de bom ouro, das suas conversadas ou prometidas.

curioso e muitissimo interessante.

Nas noites festivas de junho — no S. João principalmente — este povo diverte-se pacatamente, dançando desde o pôr do sol até manhã, ora n'uma ora n'outra das encruzilhadas ou praças dos seus povoados, cada qual cortejando, em lindos improvisos ás vezes, o objecto dos seus amores, n'umas evoluções choreographicas que raramente são mais sapateadas que um pachorrento passeio de gente séria. Um mastro, mais ou menos enfeitado, é o centro d'estas evoluções. Com as mãos interlaçadas cantam, movendo-se n'uma direcção, em rythmos isochronos, a primeira parte da estrophe, voltando-se depois, em sentido contrario, para cantar a segunda parte. As modas do Alemtejo tem, em regra, um cunho de gravidade e de grandeza hieratica, nada comuns ás modas dos povos das outras provincias. Lembram até na largueza do desenho melodico e na fórma de harmonisação as melodias slavas, de cujo typo nos deixou, em Lisboa, perfeito conhecimento, um orpheon russo, que, ha alguns annos, por aqui passou. Nas modas ainda mais alegres, o alemtejano não perde este cunho original de sobranceira que é o traço caracteristico d'este povo.

A cadencia dos membros de phrase é em regra feita sobre o accorde do sexto grau da escala. Cadencia rota ou interrompida lhe chamamos nas escolas, e tem uma



*Nos arredores de Coimbra*

*Allegretto*

Se - lu - ção de, den - do - a - is, Pas - sa e a - mor pe - la  
 ru - a; Se - lu - ção quan - to qui - se - res, Que sou d'ou - troj não sou  
 lu - a

*Soluços*

As danças e cantares dos povos das ilhas adjacentes ao reino, tem uma tal ou qual afinidade com as dos povos do Alemtejo, d'onde derivou, em grande parte, a sua primitiva colonisação.

Tambem ali as melodias populares accusam, por vezes, uma origem hieratica. O pregão das hervas medicinaes, que, nas tardes mornas de verão, ainda

*Andante*

Nós plan-tos a sa-u-da-de de Nós plan-tos a sa-u-

da-de, Nós plan-tos a sa-u-da-de de Que sa-

u-da-de é má flor... Que-ma-ri-va sa-u-

da-de Que-ma-ri-va sa-u-da-de de Que-ma-ri-va

sa-u-da-de de me-ma-lou o meu a-

mor!

*O povo vai repetindo cada par-te em uníssono ou a estrofa*

Saudade



Os foliões do Espírito Santo nos Açores

hoje se houve na cidade de Angra, é um curioso desenho melódico, calçado evidentemente no modo lydio dastonalidadesgrego-romanas.

As modas açoreanas reflectem bem a alma sensível d'aquelle bom povo isolado, que vive de saudades e crenças, olhos voltados para o grande Oceano, que os circunda e cuja immensidade medem pela intensidade dos seus affectos e das suas ternuras.

E' rara ali a familia que não conta um ente querido entre os que as illusões da fortuna fez emigrar para os estados do sul ou norte da America.

As festas populares dos Açores revestem sempre um caracter de intimidade e recato que não tem os arraiaes do continente. São festas de familia quasi.

O periodo clas-



Dança de camponesas do norte do paiz

sico das festas açoreanas é o que vai desde o domingo de Paschoa ao da Santissima Trindade. Na casa onde se vela o Espírito Santo, reúne-se a gente mais intima do lugar. Primeiro reza-se o terço do rosario em louvor do Divino, pedindo-se sempre, no fim d'este acto piedoso, uma Ave-Maria pelos que andam sobre as aguas do mar e outra pelos ausentes. E é depois d'este desabafo do coração que o bal-larrico vem, n'uma successão de *modas* mais ou menos classicas, sem evoluções choreographicas exageradas, antes muito pacatamente, com todas as reservas que a boa decencia impõe.

!Nos bailes açoreanos não deixam de figurar, ainda assim, e em bom numero as modas alegres e buliçosas até, que, com os seus *brasilieiros*,

vão importando das terras de colonização. Pertencem a este numero os *lundans* calcados no ritmo do tango, embora choreographicamente muito distanciados da fonte de origem. Nos Açores não ha festa popular onde a viola não entre. E' a principal confidente das alegrias d'aquella gente. Ainda subsiste nos Açores uma orchestra popular muito pittoresca—os foliões—cuja organização varia de ilha para ilha, embora relacionada sempre com as festas do Espirito Santo.

Na cidade de Coimbra, onde, por causa da Universidade, se reúne a mocidade de todos os pontos do país, as melodias populares recebem a ultima demão. Da bocca dos estudantes passam para a das tricanas e d'estas naturalmente para a gente dos arredores. O violão é o instrumento que melhor se presta ao acompanhamento da modinha, que é já alguma cousa mais que as modas do povo. Por isso este instrumento e a guitarra são na região da Beira, influenciada mais directamente pelo meio coimbrão, os instrumentos mais popularizados.

Não é raro que a mesma melodia lançada ao vento da publicidade pelos rapazes de Coimbra, seja, depois de transformada pelo capricho inconsciente das multidões, recebida novamente no meio academico com todas as honras de uma consagração.

D'esta circulação provincial, resulta

*And.<sup>te</sup>*

*Pezinho qui o seu pé - si - nho, Ai! meu bem. Pezinho qui o seu pé de me - se. Esca - rar o seu pé - si - nho. Ai! meu bem. Ca - da qual ti - ça eu se - u*

*O Pézinho*  
(uma das mais antigas e vulgares das nossas modas)



Um bailarico n'um arrabal alemtejano

*Longo*

*Mer - car cel - la?*  
(Quem) mer - ca ma - cel - la?

*A fanfarra dos pretos de S. Jorge*



Na Ilha Terceira: De caminho para a romaria

uma grande vitalidade para as modas e modinhas portuguezas.

Ha pouco tempo ainda, assistimos nós, por mero acaso, a uma d'estas curiosas consagrações.

Os mais eruditos *folkloristas* difficilmente descobriam, na melodia que, na bocca d'um joven tenor de capa e batina, com voz quente e communicativa, fazia o encanto e as delicias d'aquelle

grupo de despreoccupados intellectuaes, o *pé-sinho portuguez*, uma das modas mais comuns do lyrisimo nacional.



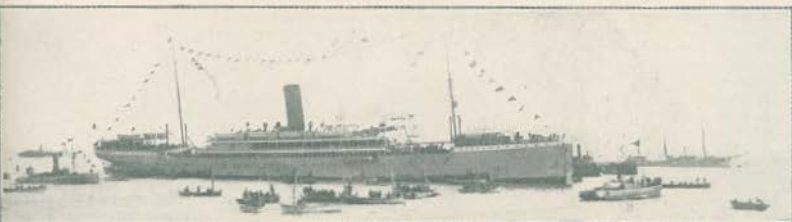
Uma melodia ha todavia, [que embora de todos muito conhecida, tem resistido sempre, teimosamente a este transformismo legal porque se dirigem todos os phenomenos historico-sociaes: é a musica dos pretos do sequito de S. Jorge na procissão de Corpus-Christi, que se realisa em Lisboa.

THOMAZ  
BORBA



# O REGRESSO DA EXPEDIÇÃO AO CUAMATO

EM 13 DE DEZEMBRO DE 1907



El-Rei, o Príncipe Real, Infante D. Manuel, comitivas e ministro da marinha na superintendencia do Arsenal  
vendo entrar o «Africa»

—O paquete «Africa» com os expedicionarios fundeando em frente do Arsenal

—O vapor «Thetis» conduzindo o capitão Roçadas e os ministros da guerra e marinha, que tinham ido a bordo do «Africa»



Na ponte do Arsenal: *El-Rei, Príncipe Real e capitão Roçadas assistindo ao desembarque das praças expedicionarias*  
— *A esposa e filhizas do capitão Roçadas*  
— *O «Te-Deum» nos Jeronymos: As forças entrando no templo e chegada de suas majestades*  
(CLICHÉS DE BENOLIEL)



Aspectos das oficinas em laboração, máquinas de preparação e acabamento

## AS GRANDES INICIATIVAS

# Inquerito á vida industrial

Em Lisboa como na America — Aspectos da civilisação  
Ninguém andar mais descalço

**O** inquerito  vida industrial portugueza está ainda por fazer. Desconhecendo quasi absolutamente todas as iniciativas da vida fabril, não falta quem muito peemptoriamente diga que a industria portugueza não existe. Falando-se especialmente de Lisboa, poucos acreditam que possa haver uma industria prospera, util e digna de estudo.

Da grande vida industrial, o lisboeta não tem verdadeira noção. Ouve umas vezes por outras chamar laboriosa  cida-

de do Porto, industrial  Covilhã, mas dentro dos seus muros são conhece por activo e laborioso o bairro de Alcantara, conhecimento de passagem, quando bordeja o Tejo no electrico e ve assestadas para o espaço essas pyras fulmigrantes, arvoradas em altares do progresso.

Ha dias, abraçando um antigo companhheiro de escola, moço engenheiro, de regresso de uma viagem  Inglaterra, foi chamada a nossa atenção para a vida industrial portugueza. O nosso amigo, velho na estima e affecto que nos une,  um dos mais apaixonados admiradores

do progresso que conhecemos. O seu perfil aristocrático, transparente, não traduz a extraordinária tempera do seu caracter modelado em aço. Ao observar-se a sua mão enluvada, quasi senhoril, ninguém dirá que os callos do trabalho accentuam a sua rara energia. A sua expressão doce, tranquilla, orvalha-se muitas vezes de suor, porque esse *gentleman*, pela figura, educação e tradições de familia, enverga o fato de ganga e pula para o dorso d'uma machina com a mesma agilidade com que domina o seu corcel de *sportsman*. E' ao mesmo tempo um obreiro e um diplomata. Educado n'esse grande país, onde florescem todas as iniciativas, o Reino Unido, com uma larga permanencia na America do Norte, o mais vasto campo da actividade do globo, o moço engenheiro é uma figura em destaque na nossa sociedade.

Como sempre, a palestra é extremamente agradável e proveitosa.

—Então que novidades nos chegam d'esses estrangeiros?...

—Todas e nenhuma. Lá fora trabalha-se, porque essa é a feição caracteristica do nosso tempo.

A nossa conversação tem logar a uma esquina do Chiado. Entretanto um pequeno cau eleiro aproxima-se de nós, com os pés descalços, berrando-nos um numero feliz. O moço engenheiro, despedindo o garoto, acrescenta:—Vê esse rapaz? Repara n'aquella mulher e mais além n'aquelles homens que andam sem sapatos, offerecendo aos estrangeiros um espectáculo de miseria?

—Nem toda a gente, meu amigo, tem dinheiro para adquirir as elegantes botas que o meu amigo usa e cujo talho denuncia o artefice inglez na elegancia e solidez de acabamento.

—Pois engana-se redondamente. Estas botas que julga terem custado um milhão foram adquiridas na America, custaram-me 3 dollars e já é um luxo que muita gente dispensa. Ha muito mais barato.

—Mas isso é um milagre! atalhamos. Em Portugal não se fazem milagres e d'ahi essa pobre gente andar com os sapatos com que nasceram.

—O que em Portugal ha é muita ignorancia. Inclusive do que temos de bom. Não ha necessidade de andar descalço. O que tornava o calçado caro era a mão d'obra. Para fazer um par de botas levava um operario tanto tempo como Celini a cinzelar uma preciosa peça ou baixella. Hoje, a machina forneceu-se dos braços dos officias, estudou-lhes a pericia, apossou-se do gosto artistico e com a sua incançavel energia produz mil por um, como o trigo do Evangelho.

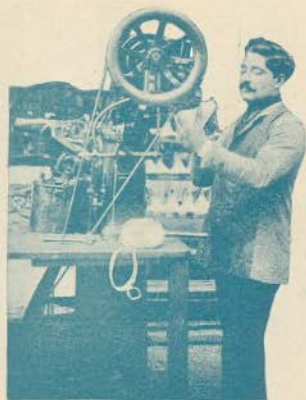
—Mas Lisboa não é Inglaterra nem America.

—Mais uma vez se engana. Existe aqui uma fabrica que recommendo á sua observação de jornalista. Vá

vê e ficará convencido de que não encontra estabelecimento superiormente dirigido nem prova de uma actividade melhor orientada. Essa visita trar-lhe-ha surpresas agradáveis. A fabrica pertence a José Ramos e fica situada na rua Conselheiro Pedro Franco.

—O calçado fabricado á machina offerece na realidade sérias garantias de solidez? O publico desconfia ainda do trabalho do monstro, como se fosse obra do mafarrico!

—Não ha duvida a esse respeito. O calçado feito á machina é cem vezes mais resistente. Os enchimentos, o sistema de pontos que seguram as solas, a pregueação, tudo emfim foi estudado de maneira a tornar solidos os productos. Não tenho illusões! A machina é um prodigio!



Um magnifico operario e uma excelente machina de coser as solas

todo o interior em laboração, o visitante recebe logo a impressõ que se encontra deante d'uma vastissima empresa. Acommette-nos desde logo o desejo de perscrutar o segredo d'aquelles operarios de aço, collocados em renque e executando, sem uma pausa, a ardua tarefa. Ao lado de cada aparelho um obreiro, com a sua *blouse* de gangá, confia á machina o material já preparado por outro aparelho. A fabrica é uma colmeia, onde se empregam cerca de 300 operarios dos dois sexos. O estabelecimento do sr. José Antonio Ramos constitui uma prova inilludível de rarezade e de intelligente esforço. Ali tudo trabalha. José Ramos dirige superiormente as officinas, sua esposa fica á testa das operarias e os dois filhos lá trabalham tambem. E' um exemplo que muita gente devia seguir. José Antonio Ramos, o conceituado industrial, que elevou o estabelecimento a um grau de prosperidade invejavel, luctou, luctou immenso para adquirir a situação actual. Não o occulta e até esse facto justifica o seu natural orgulho.

Comecendo por ter em volta de si meia duzia de operarios, n'uma casa acanhada, pouco a pouco foi vencendo difficuldades, alcançando recursos para a larga empresa que hoje dirige. José Antonio Ramos é um trabalhador infatigavel, uma d'essas creaturas que nasceram para desmentir a indolencia meridional. A sua energia não fixa horizontes, progride sempre. Esse fletido de actividade, essa feição reformadora não se limitam ao negocio. Pertencem tambem ao seu perfil moral. As-



Officina de ajuntadeira

sim se comprehende pela educação dada a seu filho e activo companheiro de trabalho Henrique Ramos. Reconhecendo, com o seu espirito extraordinariamente pratico, que o trabalho e a educação util eram as melhores dadas que podia fazer a seu filho, não o mandou doutorar nem adquirir um diploma inutil.

Henrique Antonio Ramos, um vigoroso rapaz de 20 annos, teve, pois, a solida educação pratica de que hoje se orgulha. Vigoroso e forte, como o symbolo do trabalho, esse moço respira felicidade. Creado n'aquella atmosphera de actividade, embalado nos braços fortes dos operarios, Henrique Ramos é um perfeita organização de obreiro em que o pulso e a cabeça estão em completo equilibrio. Auxiliar poderoso de seu pae, elle acode a toda a parte, reso ve todas as difficuldades, desfaz todos os embaraços, sem a menor contrariedade. A sua educação professional é das mais completas, feita nos grandes centros fabris de Inglaterra, America, França e outros paizes.

Quem desconhece a vida industrial de Lisboa, e é a quasi totalidade dos seus habitantes, devia fazer uma visita aquella fabrica e observar com attenção n'esse exemplo de trabalho dado por aquella familia cuja felicidade assenta no proprio esforço e energia.

A fabrica de calçado de J. A. Ramos está installada pelo systema americano, o melhor conhecido universalmente. A sua produção é grande e os apparatus podem executar quatro mil pares de calçado por dia. A descripção d'estes machinismos, cujo numero ascende a 60, levaria um grande espaço de que não podemos dispor. Uma machina corta, outra cose, outra prega, uma alisa, outra martella. Esta fabrica o taço, aquell'a segura-o; esta engraxa, aquell' outra encera. Cada uma d'ellas executa uma operação que as mãos do artefice levam horas a executar. E' um verdadeiro prodigio. Na hall central destacam-se trinte e cinco apparatus. Recebida a obra da ajudadeira, onde uma machina corta, outra cose, outra ainda abre e cose as casas, passa á primeira machina da grande officina. Ali um apparelho introduz a fôrma, outro cose e prega a palmilha, outro abre a vira, outro fixa a sola e abre ao mesmo tempo o rebordo para o cosido. De operação em operação e de machina em machina, um par

de botas fica prompto ao cabo de 36 minutos. A media de produção é de um par de botas por 10 minutos. Nas officinas installadas á direita destaca-se a machina com pressão de 3 toneladas para estampar o taço, que recebe uma solidez de pedra. A par, outros apparatus que servem para aproveitar todo o material, até aos mais insignificantes recortes. Os apparatus de limpeza das solas são dotados de sorvedouros mechanicos do pó, a fim de que a atmosphera esteja sempre limpa e offereça todas as condições de salubridade. Ha ao lado officinas de concertos, depositos, exposição, de forma que a vasta fabrica exige uma demorada visita.

Quem assiste á execução de calçado n'aquella fabrica não deseja outro genero de botas, pois logo se convence que a modicidade de preço não representa inferioridade de material, que é o melhor que se emprega; não representa tambem mau acabamento da obra, visto que o calçado á machina, pela precisão mathematica com que é executado, é ainda mais elegante. Não produz a fabrica calçado de fancaria. A bota mais elegante, o sapato de senhora, breve e delicado, a bota de caça, a aristocratica bota de polimento, tudo é feito com um rigor que desafia a experiencia do melhor official. E' perfeitamente uma maravilha, que só vendo se acredita.

Depois de visitar o importante estabelecimento do sr. J. A. Ramos fica-se convencido de que realmente a industria nacional não é letra morta e de que esse industrial é fóra de duvida um benemerito pelas extraordinarias vantagens que offerece ao publico a sua iniciativa.

Depois d'essa visita só restará tambem uma preocupação, adquirir exclusivamente o calçado feito á machina, por ser o mais solido e o de mais perfeito acabamento.

Depois de visitar o importante estabelecimento do sr. J. A. Ramos não se comprehende que haja ainda quem ande descalço. E' que muita gente desconhece as vantagens que offerece aquella fabrica fornecendo productos a preços verdadeiramente convidativos.

Nas lojas fornecidas pelo activo industrial encontram as classes menos abastadas um calçado solido, forte, duravel. Os que preferem o calçado elegante, com to-



Dois operarios de aspecto saado ponteando uma bota



Carro para a distribuição de encomendas



Officina de empacotamento e expedição de encomendas

dos os requisitos da moda, também ali encontram à escolha e por um preço que não é para desprezar. Vendendo-se a mostra de qualquer d'esses estabelecimentos ninguém dirá que o calçado é feito à máquina, tal a perfeição de acabamento e de elegância.

Porque então esse espectáculo de miséria que offerece a capital aos olhos dos visitantes? Dirá muita gente que é habito das classes. Ainda que os sapatos fôsse de graça, não os poderiam usar sem enorme sacrificio.

Ha n'isto uns visos de verdade, mas não é difficil acreditar que o uso do calçado em breve será geral, attendendo à barateza do producto. As classes mais humildes das grandes cidades do estrangeiro não evidenciam d'essa forma a sua miséria. Ali ninguém anda descalço. Esse desideratum ha de alcançal-o o importante industrial sr. J. Ramos.

Trabalhando com afinco, desenvolvendo cada vez mais a acção da sua fabrica, J. Ramos será o mais valioso cooperador para o aspecto de civilização que vae tomando a capital. Fornecendo aos habitantes de Lisboa o calçado melhor e mais barato, o sympathico industrial tira a esta terra a feição

contristadora de miséria com que pre ende acabar.

Esse desideratum ha de conseguil-o José Antonio Ramos com a sua iniciativa e actividade. Comprometteu-se com a sua consciencia a calçar toda a gente e ha de conseguil-o, que o espirito do industrial não conhece desalentos. O publico que já conhece a grande empreza vae-lhe fornecendo o combustivel para esse entusiasmo, procurando os seus estabelecimentos, informando-se das vantagens que off rece e adquirindo os productos ali fabricados. Os satisfeitos, os que por propria experiencia lhe fazem justiça, são os melhores reclamos d'aquella casa hoje acreditadissima, não só entre as industrias, no commercio, mas do proprio publico.

Para nós teve o condão de nos animar no conceito da actividade portugueza, de que esse estabelecimento é um exemplo digno de respeito.

Por ultimo cumpre agradecer a José A. Ramos e a Henrique Ramos a gentileza com que os representantes da *Illustração Portugueza* foram recebidos no seu impor ante estabelecimento de calçado,

Officinas  
d'OURO  
e prata



Encarrega-se  
— DE —  
Trabalhos originaes

CASA FUNDADA  
em 1876

Pedir catalogos

**José Rosas**

OURIVES JOALHEIRO

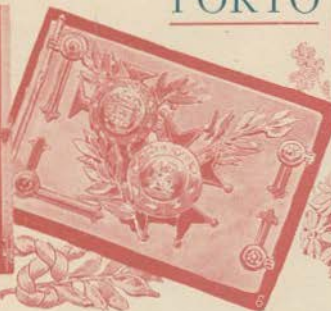
R. das Flores, 245

*Premiado nas exposições de Paris 1889 e 1900, Rio de Janeiro, Avers e St. Louis 1904 com medalhas de ouro e prata*

AS ULTIMAS NOVIDADES em joalheria, pratas e objectos artisticos. — Variadissimo sortimento em filigranas.

— Bronzes de TEIXEIRA LOPES.

PORTO



1. Espada Mousinho d'Albuquerque—2, Grande centro, Maquella Teixeira Lopes, 60 Kilog., premiado Paris, 1900  
3. Gemil de S. M. a Rainha D. Amelia—4, Grande vaso ornamental—5, Pasta Campos Salles—6, Pasta Presidente Laubet  
7, Pasta Eduardo VII (ouro).



**INSTALAÇÕES COMPLETAS  
PARA  
ÁGUA, GAZ E ELECTRICIDADE**

TINAS DE FERRO ESMALTADO, QUALIDADE SUPERIOR  
ESQUENTADORES PARA TINAS E LAVATORIOS  
ESQUENTADORES PARA DISTRIBUIÇÃO D'ÁGUA  
QUENTE DAS MARCAS TORRIDE, PROGRÉS-

**Le Moderne  
THERMOSVESUVIO  
E EQUADOR.**  
EXPOSIÇÃO PERMANENTE  
66 R. DO OURO 66



**JULIO GOMES  
FERREIRA & C<sup>A</sup>**  
FORNECEDORES DA CASA REAL  
82  
**R. DA VICTORIA 88**  
LISBOA

**GRANDE SORTIMENTO DE CANDIEIROS PARA GAZ E ELECTRICIDADE  
E PETROLEO**



**FAZER UMA VISITA  
A  
MÉNAGÈRE DE LISBOA**

Para ter uma habitação confortável, hygienica e commoda o seu proprietario **J. LINO** convida todas as boas donas de casa a visitarem a

é ficar certo de haver encontrado reunido tudo o que se precisa

**DE UTIL E NECESSARIO,  
BOM E BARATO**

**Ménagère  
de Lisboa**

sempre e antes de entrarem em qualquer outro ESTABELECIMENTO

**TELEPHONE 97**

**35, Rua do Caes do Tojo, 35-LISBOA**

(AO CONDE BARÃO)

Distante do Rocio 5 minutos do electrico e 20 réis de transporte





**REAL COMPANHIA**  
**VINICOLA**  
**do Norte de Portugal** **PORTO**

*Grand Vin de Portugal  
1865-1900*

A vintage advertisement for Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal Porto. The central focus is a dark glass bottle of wine with a white label that reads "Grand Vin de Portugal 1865-1900". The bottle is positioned behind large, three-dimensional, red block letters with blue outlines. The text "REAL COMPANHIA" is at the top, "VINICOLA" is in the middle, and "do Norte de Portugal" and "PORTO" are at the bottom. The background is a dark, textured blue with white, fluffy clouds at the base of the letters. The entire advertisement is framed by a thin blue border.

## Estab. Ind. Pharm. SOUZA SOARES (NO BRAZIL E NA EUROPA)

Devidamente legalizado em Portugal e distinguido com dois premios de Honra de 1.ª classe e cinco medalhas de OURO na America do Norte, França, Espanha e Brazil, pela perfeita manipulação e efficacia dos seus productos medicinas:



(Marca registada)

### Peitoral de Cambará (Registado)

**C**URA as tosses ou rouquidões. Cura a laryngite. Cura a bronchite aguda ou chronica simples ou asthmatica. Cura a tystica pulmonar, como o provam numerosos attestados. Cura a coqueluche, e, pelo seu gosto agradável, o appetido pelas creanças. Frasco, 15000 rs. — 3 frascos, 25700 rs.

### PASTILHAS DA VIDA (Registado)

Combatem o fastio, a azia, a gastralgia, as nauseas e vomitos, o enjoo do mar, o mau halito, a flatulencia e a dilatacao do estomago. São de grande efficacia nas molestias do utero e da pelle, na fraqueza dos nervos e do sangue. Caixa, 600 rs. — 6 caixas, 35240 rs.

### 36 remedios especificos em pilulas saccharinas (Registados)

Febritina, Nervojina, Epidermina, Respirina, Estomachina, Fortificina, Intestinalina, Urinarina, Uterina, Poridina, Inflammina, Peperidina.

Estes medicamentos curam com rapidez e inoffensividade: Febres em geral, Molestias nervosas, da pelle, das vias respiratorias, do estomago, dos intestinos, dos organos urinarios, Molestias das senhoras e das creanças. Dores em geral. Inflammasões e congestões, impureza do sangue. Fraqueza e suas consequencias.

Frasco, 500 rs. — 6 frascos, 25700 rs.

Consultem o livro — *O Novo Medico* — pelo Visconde de Souza Soares, a venda nos depositos dos remedios do autor. Preço: brochado 200 réis; encadernado 300 réis.

**Medicamentos homeopathicos garantidos, avulsos e em caixas de diversos tamanhos**

Vede o *Auxilio homeopathico* ou *O Medico de Casa* pelo Visconde de Souza Soares. Estes productos vendem-se em todas as farmacias e drogarias.

Deposito geral em Portugal: Porto, Rua Santa Catharina, 1503

O passado, presente e futuro revolvido pela mais celebre chiromante e physionomista

## Madame BROUILLARD



**D**iz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: e incomparavel em vacinnos. Pelo estudo que fez das sciencias: chronomancia, chronologia e pelas applicações practicas, das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambruze, d'Arpenigney, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathedra: a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete:

43, RUA DO CARMO, sobre-loja

LISBOA

Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.

## Confeitaria e Pastelaria OLIVEIRA

Fornecedora da Casa Real

(NOME REGISTADO)

105, Praça de Carlos Alberto, 107 — PORTO

## Gastanheiro & C.<sup>a</sup> ESTOFADORES DECORADORES

CASA FUNDADA EM 1850

Praça Luiz de Camões, 37, 38 e 39 — LISBOA

### DEPOSITOS E OFFINAS

P. Luiz Camões, 18 a 22 — R. das Gaveas, 1 a 17

Rua do Norte, 16 — Rua Horta Secca, 2 a 8



GRANDES STOCKS de todos os artigos do seu commercio adquiridos nos principaes centros de producao estrangeiros, conseguindo apresentar as melhores novidades em papeis pintados, tapeçarias, stores, oleados, tapetes, carpetes, cortinas, etc. e todo o mobiliario proprio para guarnecer uma casa desde a mais modesta a mais rica.

Telephone n.º 1346



Esta casa, em cujas cosinhas trabalha um cosinheiro francez, perfeitamente sabelor da sua arte, dispõe de todos os elementos para fornecer lunches, almoços, jantares e serviços para soirées, tanto no Porto, como nas provincias, sob a direcção do seu proprietario JOSÉ MIGUEL D'OLIVEIRA